

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

OLIVEIRA, Luiz Carlos. Luiz Carlos Oliveira (depoimento, 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 38min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Luiz Carlos Oliveira
(depoimento, 2006)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Levantamento de dados: Amilcar Araujo Pereira;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Salvador - BA - Brasil;

Data: 15/09/2006

Duração: 1h 38min

Minidisc: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha do entrevistado se justificou por sua militância no movimento negro, desde a década de 1980, tendo, entre outras coisas, fundado o Centro de Estudos da Cultura Negra do Espírito Santo (Cecun), na mesma década. A entrevista foi realizada no prédio da Faculdade de Educação da Universidade Estadual da Bahia, Uneb, durante o IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre 13 e 16 de setembro, em Salvador, Bahia.

Temas: Administração; Atividade profissional; Cultura; Discriminação racial; Ditadura; Educação; Ensino; Ensino superior; Espírito Santo; Exército; Família; Formação escolar; Identidade; Infância; Movimento estudantil; Movimento negro; Partido dos Trabalhadores - PT; Racismo; Sindicalismo; Sindicatos de trabalhadores;

Sumário

Entrevista: 15/09/06 Origens familiares; infância em Vitória; trajetória escolar; o trabalho na infância; o trabalho na Central de Luz; o ensino na escola técnica; o período no internato; a experiência no Exército; o trabalho na Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan); Departamento de Edificações de Obras e Projetos (DEO); o ingresso à Universidade para cursar Administração de Empresas; a criação da Associação Civil dos Técnicos Industriais do Espírito Santo; as campanhas para regulamentação da profissão dos técnicos; o apoio do Grêmio estudantil; a questão racial dentro da família; os impactos da Ditadura Militar; as mobilizações a partir da Associação; os primeiros contatos com o Movimento Negro; as discussões acerca do Movimento Negro Unificado (MNU); a construção da identidade do negro no Brasil; o racismo no Brasil; as relações de desigualdades; os congressos na década de 1980; a criação do Centro de Estudos da Cultura Negra (Cecun); a criação do estatuto do Centro Cultural; o trabalho com a educação; as atividades de cobrança ao governo; o I Encontro Estadual do Negro no Espírito Santo; as relações com outras entidades; a relação com o movimento estudantil; a atuação na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT); a criação de uma entidade negra na área da educação; a lei 10.639; conclusões e agradecimentos.

Entrevista: 15/09/06

V.A. – Muito bem. A gente já conversou um pouquinho como é que é o nosso trabalho e a gente queria começar do começo, das suas origens: onde o Senhor nasceu? O que é que o Senhor estudou? Onde o Senhor morou – se mudou para algum lugar ? Para até chegar na entrada no Movimento Negro e data de nascimento também.

L.O. – Pois é. Eu nasci no dia 10 de julho de 1944 em Vitória mesmo e continuo em Vitória até hoje. Infância, estudei...fui interno onde eu estudei, fugi e fiquei [inaudível] e em casa estudei no Grupo Escolar Padre Anchieta – na época– hoje é da prefeitura, que é no mesmo bairro onde eu moro.

V.A. – Qual é o bairro?

L.O. – Ilha de Santa Maria, em Vitória. Fiz o primário no Padre Anchieta e no primário já ajudava em casa vendendo amendoim, doce, engraxando sapato na Ilha de Jucutuquara. É um bairro colado com a ilha de Santa Maria, que é um bairro já mais ... que pega assim a passagem de ônibus, então a gente engraxava ali também. Fiz o primário e nessa época – como dizia - a gente ajudava em casa – parei de estudar, fui para o Exército no Rio de Janeiro, passei o ano no Exército, voltei para Vitória e passei a estudar novamente à noite prestando o ginásio. Logo em seguida do ginásio...fazendo o ginásio, eu já trabalhava. Já estava [em carta] na Central de Luz e estudava à noite, aí ali já trabalhando com um trabalho mais braçal nessa empresa, passei a trabalhar na saúde e [inaudível/desenho] e ali veio a idéia de fazer curso técnico na Escola Técnica Federal, passei em 1969, fiz o curso de eletrotécnica e segui uma participação – a não ser no ginásio à noite uma participação lá disputando alguma coisa, não sei se foi um grêmio ... em sala de aula normalmente eu era escolhido para liderança, fui para escola técnica aí passei a ser líder também da turma nossa (na escola técnica). Na escola técnica não tive nenhuma atuação como estudante, nenhuma atuação interna, mesmo porque a gente não se preocupava. A questão de atuação em grêmio – inclusive na época não tinha nem grêmio, estava fechado – ficava mais para aqueles alunos com mais tempo. A gente estava preocupado em sair dali para ganhar algum dinheiro para pagar as dívidas. Quando eu fui para a escola técnica já estava adulto e não tive essa preocupação. Mas assim que saí da escola técnica, fui trabalhar ...

V.A. – Deixa eu só antes ... a gente quer um pouquinho reconstituir a sua origem familiar. O Senhor era único entre os filhos ou tinha muitos irmãos? Como é que era?

L.O. – Eu fui criado com a minha mãe. Eu e minha irmã com a mãe lavadeira. Meu pai – acho que com um ano ou dois anos – meu pai já tinha saído de casa, ele tinha outra família.

V.A. – Quando o Senhor tinha um ou dois anos?

L.O. – É, por aí. Aí, quando fui para Ilha de Santa Maria, porque eu nasci no Centro, na Vila Rubim, no morro do Quadro. Então eu nasci ali na rua São João. Aí com um, dois ou três anos é que eu fui para Ilha de Santa Maria. Eu estou até hoje nesse mesmo bairro, só a casa que vai melhorando.

V.A. – E sua irmã é mais velha?

L.O. – Minha irmã é mais nova do que eu. Nós fomos criados com a minha mãe lavando roupa e a gente ajudando.

V.A. – Ela lavava roupa em casa ou fora?

L.O. – Em casa, mais em casa. Ia na casa dos outros também para fazer alguma coisa, trazia aquelas latinhas de comida às vezes, de tarde trazia e a gente aproveitava aquilo. Ela matava galinha em Jucutuquara que era o bairro onde ela matava galinha; ela trazia as tripas para a gente, limpava a tripa e fazia as coisas com tripa e ... vim para escola técnica, já comecei a trabalhar, aí já foi melhorando as coisas em casa.

V.A. – Deixa eu só interromper um pouquinho. O Senhor disse que no primário vendia amendoim e engraxava sapatos. E Jucutuquara?

L.O. – Jucutuquara eu engraxava os sapatos. Jucutuquara é um bairro. Santa Maria é aqui e Jucutuquara é aqui. É só atravessar a pista, como a escola técnica também é aqui. Tudo perto e Jucutuquara é um bairro de classe média, então a gente que vinha de um bairro pobre tinha que vender as coisas ali. A gente pegava caranguejo, vendia ali. Pegava caranguejo de manhã, de tarde, saía rapidinho, passava as duas avenidas, já vendia tudo, comprava pão, jogo rápido, vendia rápido. Dava umas três caminhadas em uma avenida daquelas e já vendia todo o caranguejo. Na época de garoto nossa, vinha duas, três pessoas, então era um bairro de comércio, o bairro de Santa maria não dava para vender naquela época. Então a gente tinha que vender em Jucutuquara que era classe média. Eu mesmo fui criado muito com aquela turma de Jucutuquara, tinha amizade e tal ... então fizemos esse tipo de ... a gente utilizava Jucutuquara para fazer também isso. Até também tinha uma pracinha que não tem hoje, hoje está mais moderno, era um lugar onde a gente se encontrava também final de semana, nessa pracinha em Jucutuquara. Passei a ver as meninas, namorar, aquele negócio todo, era ali nessa pracinha em Jucutuquara, aquela época de pracinha.

V.A. – Mas aí o Senhor pulou da venda de amendoim para o Exército no Rio, mas aí tem um espaço de vida.

A.P. – Eu achei interessante que o Senhor falou que foi interno.

L.O. – Não. Fui interno no início, quando eu era garoto, até seis, sete anos.

A.P. – Então por que é que o Senhor saiu?

L.O. – [Risos] Porque a mãe, minha mãe, a mãe antiga, ela tinha uma preocupação com o filho homem assim [inaudível] de ele fazer alguma coisa futura, futuro...então acho que ela achava que eu interno me protegia, estava interno, estava protegido. Então ela me internou.

V.A. – A onde?

L.O. – No Cristo Rei. Ainda existe lá, mas não no local porque isso aí era no Centro de Vitória. Agora está lá para o lado do município ali da Grande Vitória. É de irmãs, de freiras, esse negócio e tal, então eu fui ...

A.P. – E era pago?

L.O. – Não, não. Era de irmãs, coisa da Igreja Católica e tal. Então eu passei uns anos ali, quando garoto; mas não é uma vida. Acho que ninguém quer ser interno, é triste. Aí eu fugi. Quando eu fui para casa passear – ainda lembro, ali no centro da praça Costa Pereira – eu fui ... eu sempre ia em casa; tinha uma época que a gente ia em casa e quando chegou mamãe na pracinha de Costa Pereira, que é no centro de Vitória, eu já perto do [internato] eu lembro que ela parou para conversar com umas pessoas e eu aqui fugi. [Riso] E eu tenho orgulho disso, de fugir e não ficar porque internato não serve. Eu sempre fui liberdade e tal, inclusive após isso aí, eu fui criado é com mar, bola ... antigamente era assim.

V.A. – Como?

L.O. – Tomando banho de mar, jogando bola, pegando frutas, então antigamente a infância era assim, das pessoas, adolescentes, tudo fazia isso. Eu acho que mudou totalmente, mas tinha isso de pegar goiaba, pegar manga ... a gente tinha aquela programação: escola; de tarde, sair para banho, tomar banho de mar; bem mais tarde, quatro horas, jogar bola. De noite, reunir a turminha, a garotada para a gente começar a brincar de alguma coisa, negócio de [inaudível], ficar conversando também porque lá não tinha luz, então a gente ficava em um lugar conversando e lá pelas nove, dez horas, dormir. A infância foi isso. A infância e um pouco da adolescência era assim aliás. Hoje mudou totalmente. Televisão hoje já prende, a pessoa está dentro de casa, mas a gente ficava na rua e tal.

V.A. – E aí o Senhor fugiu na pracinha, a sua mãe ...

L.O. – Ela tentou me pegar, mas não teve mais jeito. Cheguei em casa ia me bater, os vizinhos às vezes...não sei se uma vizinha socorreu e reforçou: “- não se ele não está a fim não leva!” Teve alguma coisa nesse nível. Eu sei que não fui mais. Puxa vida! [Risos] Foi uma das felicidades da minha vida, uma delas, não voltar para aquilo.

V.A. – Quantos meses o Senhor ficou lá?

L.O. – Fiquei acho que anos. Eu cheguei a ficar uns dois anos lá. Eu perdi a noção do tempo. Mas eu fiquei anos lá, se eu não me engano, mas não é legal. Nessa parte a gente gosta até de pular o coco. [Risos] Esse negócio de internato não é legal, não é aquela coisa de terror, mas não é bom ficar preso. Ainda mais criança, quando é pessoa adulta, eu acho que ainda vai, a pessoa está com seus vinte e poucos anos, acho que não tem problema. Não tem problema! Lógico que tem, mas não é ... agora criança, você ficar sem sua mãe. Já era só mãe, você ainda ficar sem, aí então.

V.A. – Aí o Senhor pulou para o Exército.

L.O. – Sim, porque aí teve toda essa fase minha de adolescente e tal e aí nós percebemos. O pensamento de antigamente era esse. Era o Exército, a conversa que tinha entre os jovens e os adolescentes na época era o Exército. Hoje não se fala mais nisso, mas a gente era o Exército: “- ah! Não sei o que do Rio!”, a turma nossa gosta muito do Rio, então era Rio, não sei o que do Rio... eu poderia não servir ao Exército porque eu era arrimo de família, mas eu fui com a intenção de servir e servi ao Exército no Rio de Janeiro; acho que onze meses, se eu não me engano, mas eu era até cabo, cabo do Exército e na época que eu fui dar baixa, quase final de ano, o tenente me chamou, quis que eu ficasse, colocou até possibilidade de eu crescer lá, mas eu ... a vontade era aquela coisa de voltar para casa, a liberdade, questão da liberdade, a forma como a gente era criado. Se fosse criado em uma família mesmo toda certinha até poderia ficar, mas a gente acostumado com a rua. Aquela liberdade mata. Aí você não fica em um lugar fechado e o Exército também não dá, também Forças Armadas, aquela disciplina ali para quem foi criado pegando passarinho ... então, depois do Exército voltei para Vitória e quando voltei lá eutinha um pensamento: “eu tenho que estudar”, “eu tenho que voltar a estudar”. Aí pensei, será que eu vou fazer um curso assim ... antigamente era madureza o nome que dava, não tinha negócio de supletivo não. Aí eu conversando com uma colega, dançando lá [inaudível/no bar] eu disse:

“sabe fulana, eu vou fazer um curso supletivo”. Ela professora falou: “- Não faz não Luiz, faz um curso de quatro anos, ginásio de quatro anos. Isso aí não sei o que”. Aí me tirou da cabeça, eu fui fazer à noite no próprio Padre Anchieta o ginásio, aí fiz o ginásio. No ginásio – passei essa fase de ginásio - na época eu trabalhava de dia e à noite ... só à noite, daí para frente foi à noite, depois eu volto novamente ao dia. Aí ...

V.A. – O Senhor trabalhava na Central de Luz?

L.O. – De luz. Isso. Aí de noite ia para lá para fazer o ginásio. No ginásio pensei: “-Poxa, eu tenho que fazer um curso técnico na escola técnica.” Pensando na questão também de eu aprender a ser uma coisa interessante e questão de grana também, melhorar. Aí eu fiz prova na escola técnica e consegui passar. Eu e mais alguns colegas. Eu passei e fiz curso de eletrotécnica na escola técnica. Saí dali e fui trabalhar na área, fazendo projeto de elétrica e tal. Trabalhei na [Cesan] – Companhia de Água – eu fazia projetos, esse negócio de bomba, de interior todo, então o projeto elétrico eu fazia. Eu que fazia o motor, calculava o motor e desenhava! Era desenhado, tudo certinho.

V.A. – Cesan? O que é que é Cesan?

L.O. – Companhia ...

V.A. – Estadual de Saneamento?

L.O. – É, saneamento entra. Estadual? Espírito Santense de Saneamento.

V.A. Ah, está.

L.O. – Companhia Espírito Santense de Saneamento. Aí trabalhei um tempo legal lá, depois eu pedi conta e quis entrar em ... um camarada me convidou para ajudar a organizar uma

escola, o diretor/dono convidou, é me convidou, mas antes não ... antes, deixa eu lembrar, não sei se antes de eu ir para ... eu fui para a Cesan, da cesan eu fui para essa escola. [Dúvida] Na Cesan eu acho que eu já estava organizando os técnicos, a questão dos técnicos, não sei se eu estava na Cesan. Não, não estava na Cesan não. Bom, e aí me convidaram para organizar uma escola lá e tal. O cara, o dono prometeu: “- olha, você e fulana ...” - eu e uma outra amiga até que faleceu há um tempo – “ - vocês me ajudem a organizar a escola que eu vou dar uma sociedade dentro do grupo”. Eu falei: “- Poxa! Legal. Eu também já estou cansado de ficar trabalhando fechado. Aí vai juntando e tal, daí ele criou hoje uma rede de faculdades que eles têm lá hoje. Depois que estava pronta e tal ...

V.A. – Como é o nome dessa rede de faculdades?

L.O. – Faesa. É ... Faculdade ...

V.A. – Faculdade Espírito Santense ... [Riso]

L.O. – Faculdade de Administração ... de Administração ... Faesa ... Sei lá, eu me esqueci, mas é de Administração. Hoje tem todos os cursos, mas na época só Administração.

V.A. – E como é que o Senhor conheceu essa pessoa?

L.O. – Olha, eu não lembro como é que foi o conhecimento, francamente não lembro [pausa] não, não lembro. Eu sei que a gente se encontrou ... é, não lembro. Aí ele prometeu...

V.A. – Então o Senhor saiu da Cesan e foi trabalhar nessa ...?

L.O. – É para fazer ... para ajudar uma escola porque não era faculdade não. A gente ajudou a formar o segundo grau porque ele entrou como escola de segundo grau. Aí fizemos

divulgação e tal, apareceram vários professores para gente ... participei dessa parte de escolher professores, uma porção de professores lá com os currículos e a escola iniciou. Mas depois que a escola iniciou, aí a conversa mudou e tal, ele prometeu muita coisa lá, dinheiro, não sei o que ... o amigo rachou logo, não quis e saiu. Ainda tentei conversar um pouco, mas eu também não aceitei nada e acabou a gente ficando nessa situação que outras pessoas...mas também foi uma porrada muito grande, sabe? Eu fiquei muito sentido assim com a coisa...mas esse amigo meu que faleceu esse era mais sentido mesmo, até agora antes de morrer que ele já estava...sempre que chegava uma pessoa perto ele lembrava: “- ó! Fulano de tal fez isso, isso e isso com a gente e não sei o que!” Aí eu já não queria falar mais sobre o assunto porque passou. Bem, aí depois disso aí eu fui convidado para trabalhar no DEO (Departamento de Edificações de Obras e Projetos). O diretor me chamou ...

V.A. – Que era também do estado?

L.O. – Era. O diretor me chamou lá, uma pessoa muito bacana, um engenheiro, Aécio Machado ou Laércio, um negócio assim, gente boa...inclusive ele dava aula na ... aí eu passei também no vestibular, fiz o curso de Administração de Empresas.

V.A. – Ah é?

L.O. – É, fiz o curso de Administração de Empresas ...

V.A. – A onde?

L.O. – Na Faesa mesmo e esse professor, que era chefe lá no DEO, que me convidou para trabalhar lá, ele até pedia, eu substituía ele sempre em aula, quando ele não ia, pedia para eu...para a turma...a aula dele era de Matemática [Riso] ele me dava uma força danada, não sei se faleceu...eu gostava muito dele, Doutor Laércio Machado. Aí então eu trabalhei lá um bom tempo...

V.A. – Esse Departamento era do governo do estado?

L.O. – Era do governo do estado, fazendo projetos também. Aí trabalhando lá foi quando eu criei a Associação dos Técnicos. O primeiro nome que eu criei foi Actinina (Associação Civil dos Técnicos Industriais do estado do Espírito Santo) porque eu saquei que não tinha regulamentação. A profissão não era regulamentada junto ao Crea. Não tinha lei em Brasília, a profissão não era regulamentada e tinha uma relação com o Crea, que o Crea representa também, além dos engenheiros, os técnicos industriais. Tudo passa pelo Crea. Então eu logo fui saber e o pessoal: “- ó! Não é regulamentada sua profissão não!” Aí pessoal de sindicato, isso tudo aí, eu caí em campo ...

V.A. – Não é regulamentada?

L.O. – Não era. Isso em 1981, 1977?. Sei lá, mais ou menos isso. Aí eu criei a Associação Civil dos Técnicos Industriais do Espírito Santo. Aí começava: “- como é que ela vai sobreviver? Ela ...” Tentamos alugar uma sala na Ilha de Santa Maria mesmo, um rapaz que era técnico e tal. Eu corria atrás de associados, corria atrás nas empresas. Nessa época eu estava com um carro, eu lembro, saía de carro assim: “- puxa! Vai vencer o mês.” Ia na Vale do Rio Doce lá no Tubarão, tinha uma turma grande que era sócia lá dos técnicos. Tem muito técnico lá no Tubarão, na Vale do Rio Doce. Então eu corria lá, ia no setor de mecânica, normalmente o chefe era associado e ele chamava a turma, pegava todo mundo da turma e “- vamos pagar assim, assim, assado!”

V.A. – Vamos?

L.O. – Pagar a mensalidade da Associação. Aí ia na Teles também ... não era Teles antigamente ... negócio de telefone. Ah, era Teles mesmo, agora que é Telemar, não é? Ia na Teles. Era um número grande de associados, então tinham vários locais de empresas que eu ia, os maiores. Quando eram sócios uma ou duas pessoas não, mas empresa que tinha muita gente eu ia, aí eu pagava a sala e tal. Daí foi essa vida. Foi passou um tempo, daí lá no Espírito Santo, nessa do estado, houve uma denúncia no jornal de que o governador tinha gasto uma fortuna na casa que tem do governo lá em Vila Velha, na praia da Costa. Aí denunciaram, saiu no jornal, um jornalzinho marrom que tinha lá que o pessoal fala. Saiu,

ai deu um estouro danado porque aquele jornal era proibido; então saiu no jornal que o Eurico Resende – um ex-senador que era governador na época – e eu saía muito lá, tinha carro, então eu estava trabalhando, saía e ia em uma empresa para poder soltar o papel. Eu fazia muito isso, [eu dizia] “daqui a pouco eu volto.” O pessoal não falava nada. Aí quando estourou esse negócio do jornal, o engenheiro que era chefe lá – eu já fazia uma luta para regulamentar a profissão dos técnicos – e essa luta atrapalha a coisa do dinheiro porque começa a ter fatias dentro de edificações elétricas, até no mecânico, em todas as áreas: agronomia, o técnico agrícola ... a lei defendia, determinava limites assim por exemplo: edificações poderia assinar casa até cento e cinquenta metros quadrados, eletrotécnico, quinhentos e assim, até ... potência e tal, o outro, mecânica e não sei o que ... aí eu comecei a rodar no Brasil para ... primeira reunião foi em São Paulo. Aí a gente puxou Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Sul veio depois, Ceará, Bahia, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro nem chegou a entrar com a gente, aí criaram muito depois e tal, então nós começamos a rodar pelo Brasil. Paraná, começamos a rodar pelo Brasil, reunião ali, Crea em São Paulo, Confé (Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura) também reuniu em São Paulo para discutir essa questão. Foi uma batalha ferrenha e lutamos para regulamentar a profissão. Aí o que é que eu fiz: eu voltei à escola técnica com grêmio – nessa época já tinha grêmio – conversei com os meninos, eles toparam a parada [da campanha] para regulamentar a profissão. Então em todos esses estados nós puxamos a campanha para regulamentar a profissão dos técnicos e os meninos [do grêmio] no Espírito Santo me apoiaram. Aí faziam gincana, nós criamos um modelo de carta, de abaixo-assinado nos estados e começamos. Eu sei que em Brasília os meninos recolheram, mas abaixo-assinado mesmo eu botava no Espírito Santo porque naquela época correio era barato, impresso e tal ... uma vez eu lembro que fui a uma reunião acho que em Brasília ou em outro estado (não sei se foi em Minas Gerais), mas tinha gente do Ministério ... aí o moço disse: “ah! Você é do Espírito Santo! Para de mandar abaixo-assinado. Nós estamos com a sala cheia de abaixo-assinado!” [Riso] Eles encheram uma sala de abaixo-assinado pedindo a regulamentação da profissão. Nessa época nós estivemos até com o presidente Figueredo – no início – para pedir a regulamentação da profissão. Enfim, e ficamos nessa luta toda ...

V.A.- O que é que quer dizer fatia que o Senhor estava dizendo? Esses engenheiros não queriam que houvesse fatia ...

L.C.- Responsável...essas categorias técnicas não serem responsáveis por nada. [Não terem] atribuição profissional.

V.A. – Os engenheiros queriam que eles fossem responsáveis por tudo?

L.O. – Tudo. Até os arquitetos na reunião que eu me lembro em São Paulo no Confe. Teve um arquiteto lá que disse: “olha! Nós não vamos dar para vocês nem uma janela para vocês serem responsáveis!” [Riso] Eu não esqueço! “Nem uma janela! Aqui a disputa vai ser mesmo acirrada! Não vamos dar nada!” Vou te contar foi uma parada isso... aí eu quero voltar. Esse engenheiro me mandou ir embora do DEO. Ele aproveitou aquela parada do jornal da casa do governador e disse: “ó! Foi ele que deu a matéria para o jornal!” Naquela época eu nem me metia em negócio de partido. Depois disso aí sim (que era negócio de PT) que a gente começou a participar. Depois do ocorrido, já estava a articulação de partido, mas ainda distante ... e o cara jogou isso, o chefe, o engenheiro de lá ... “Ah! Mandou embora porque foi ele...” Aí eu pensei: “rapaz, estão me mandando embora que negócio estranho... [Foi] a luta da gente. Inclusive eu dei uma entrevista agora em uma revista dos técnicos que eles fizeram há umas três ou quatro semanas para comemoração do lançamento da primeira revista e abriu com uma entrevista minha. Aí a menina, jornalista botou lá: “por isso foi mandado embora ...” E foi por isso realmente!

V.A. – E quando foi isso? O Senhor se lembra?

L.O. – 1982, por aí ...

A.P. – Eu queria voltar lá do início, assim puxando em relação ao nosso projeto, eu queria tentar perceber como é que era a questão das relações raciais dentro da sua família? Sua irmã, sua mãe, se falava da questão, isso era tocado?

L.O. – Não. A gente não percebia nada. Eu até aí não me tocava. Assim ... muito fortemente não, mas dentro da gente tem. Eu lembro que quando eu estava na escola técnica eu vi um negócio no jornal sobre essa questão, peguei e mostrei até para um cara que assessorava o diretor: “ó!” Não sei se foi em Brasília, mas alguma coisa saiu e aquilo me tocou, mas eu já era grandão! Essa coisa nunca foi tocada! Por isso que eu digo que essa adolescência hoje está recebendo várias mensagens. Se eu tivesse recebido essas mensagens que hoje eles estão tendo a oportunidade...não tinha mensagem nenhuma! Inclusive eu vivi

em uma época da ditadura, então não se falava também. Ditadura eu vivi esse tempo todo. Quando eu saí do Exército: ditadura!

A.P. – Isso na escola técnica foi em que ano?

L.O. – 1969, 1970, 1971, 1972... acho que eu estava lá na escola técnica. Eu lembro que um professor de esquerda, maluco, que a gente tinha que fazer aqueles cálculos no quadro todo. Ele deixou dez da minha turma, inclusive eu, deixou a turma na matéria dele. Aí a turma toda ... aí deixou mesmo ...

V.A. – Reprovou?

L.O. – Reprovou e no último ano. A turma começou a reclamar: “não, não vou ficar aí não! Vou trabalhar!” Começaram a trabalhar. Teve gente indo para Xerox (era a época em que ela chegou lá), então a maioria...alguns foram para lá. Teve gente se classificando. O prêmio no Brasil foi o primeiro dessa turma, inclusive comigo, uns dez. Teve gente que foi para Xerox e fez concurso lá mesmo, foi o melhor do Brasil e teve que ir para os Estados Unidos passear e tudo...eu usei tudo isso para um argumento mais à frente. Para um deles que hoje é promotor, juiz [dúvida] e que me agradece. Ele já estava na Associação dos Técnicos e me disse: “Luiz, eu estou querendo recuperar aquele diploma meu de técnico. Você sabe que eu estou trabalhando profissionalmente muito bem...” Eu disse: “não, lógico, justo! Vamos conversar com o diretor!” Isso daí eu já estava fora da Associação dos Técnicos.

V.A. – Ah! Então o Senhor não chegou a se formar na escola técnica?

L.O. – Não, eu estava querendo dar um tempo ... mas veja bem! Nós ficamos os dez. Uns saíram e não voltaram (ou ficaram para fazer). Outros: “não, eu não vou ficar para fazer!” Eu também falei: “não vou ficar!” Saí também igual ao DEO. Outros repetiram. O que é que eu fiz? Eu fiz a matéria à noite com meu professor, por isso que eu terminei em 1975 o que era para terminar em 1972. Lá na escola técnica era de manhã. Na época não tinha isso não, depois que veio aluno especial, negócio de noite ... aí fiz como aluno especial essa

matéria. Acho que foi essa só, sei lá, não sei ... Eu sei que eu concluí em 1975, outros não. Teve gente daquela turma que eu acho que não concluiu, mas entrou na empresa. Hoje já se aposentou, ficou bem na empresa! Foi uma surra porque logo no início o curso técnico era procurado para caramba lá. As empresas procuravam: Vale...todas as empresas lá... ganhava-se bem, [hoje] aposentado [tem] apartamento. Aí quando eles me encontram dizem: “poxa Luiz! Você não tem nada!?” Eu digo: “é, não tem problema não!” Porque o negócio do pessoal era só mesmo grana, patrimônio. A formação que a escola técnica dava ... inclusive a gente precisa mudar essa coisa de currículo que era assim, não sei hoje. É muita questão de patrimônio. Acho que tem que se preocupar mais com o social. Eu já falo isso há muito tempo do currículo de escola técnica, até de engenharia: tem que entrar mais o social! E não tem isso não! Você fala isso e passa batido! Acho que ainda está assim. Eu acredito porque eu converso muito com os técnicos, então ...

V.A. – Mas o Senhor então chegou a se formar em 1975 fazendo esse curso à noite?

L.O. – À noite.

V.A. – Então o Senhor foi demitido do DEO ...

L.O. – Do DEO. Aí eu já estava no superior.

V.A. – Na Faesa?

L.O. – É na Faesa. Quando eu fui demitido lá [no DEO], eu concluí o curso e ...

A.P. – Como é que veio a ...

L.O. – Ah, sim! Como na Associação dos Técnicos eu fiquei um tempo bom, fui fundador, aquele negócio todo para regulamentar. Bem pertinho de regulamentar eu não estava

aguentando mais a bola, a gente sem recurso, chegou a funcionar na minha casa a Associação, depois nós botamos em um prédio onde nós queríamos uma associação de moradores do meu bairro. Eu criei lá. Um prédio dos Correios que estava meio abandonado, nós entramos, ocupamos o prédio e eu criei a Associação. Eu mobilizei o morro todo, várias atividades e o Correio está em cima. Começou com os documentos para tirar a gente de lá. Nós entramos e começamos a alegar: “poxa, o prédio todo aberto, o pessoal com drogas... era melhor a gente fazer alguma coisa aí ...” Aí dia de domingo nós fazíamos *shows*. Eu ia na cidade e pegava vários livros, acho que na livraria, uma porção. Fazia calor, o pessoal dava livros à vontade às crianças, fazia almoço só para mobilizar para ficar, mas não teve jeito. A [Polícia] Federal jogou tudo no chiqueiro lá [Riso] e eu fui registrado. A gente estava preocupado com um rapazinho que ficava lá na pracinha. Não aconteceu nada com ele porque a polícia veio para cima de mim. Veio tudo para cima de mim. Eu disse: “não tem problema! Para ele [o rapazinho] não!” Eu tive que depois ir responder na Polícia Federal. Nessa época eu já estava formado. Fui lá na Polícia Federal, o juiz me chamou. Não deu em nada não, resolvemos a parada, mas eles tiraram a gente de lá do prédio. Hoje a prefeitura pegou e é uma creche lá perto de casa. Bem, aí ... ah sim! Aí a Associação dos Técnicos porque funcionava tudo dentro do prédio: moradia e Associação dos Técnicos. Vários técnicos subiam o morro e iam lá na sala. A diretoria, às vezes, outros precisavam ir lá. Bem, antes de regulamentar a profissão eu já estava passando a bola. Por quê? Porque eu já estava entrando na questão do Movimento Negro. Teve um professor na escola técnica – professor de Música – que esteve na Europa um tempo e que depois ficou na escola técnica ... escola técnica sempre tem mais estrutura. Tinha professor de fazer coral, músico, pianista. Aí eles falavam para gente assim: “rapaz, você está nesse negócio de técnico!? Seu negócio não é esse não. Eu estou te sacando, seu negócio não é esse não ...” [Riso] Eu falei: “que é isso professor?”. O professor respondeu: “Você está em negócio de técnico, mas está com outra ideia!” E era a questão do Movimento negro que já estava ruindo porque às vezes eu ia para São Paulo na reunião lá no Crea (tem muita reunião em São Paulo porque o Crea é forte..) e aí durante essa reunião a cúpula começou a ficar aborrecida comigo. Em alguns momentos eu saía, quando eu sabia que tinha coisa de negro ... e aconteceu várias vezes naquela católica, a PUC, a Tuca, no Rio de Janeiro eu fui naquele negócio em Ipanema: a Cândido Mendes. Tivemos um grande encontro lá. O Amauri estava, eu fui e ganhei ... lá em São paulo eu estava em reunião, e quando eu voltava o pessoal: “poxa, você está fugindo da reunião!” Eles já viam, percebiam que era o Movimento Negro e [pensavam]: “Poxa, esse cara, eu acho que não, ele vai abandonar a gente ...” e abandonei os técnicos. Passei para outro rapaz a Associação, que logo depois criou um sindicato – hoje é sindicato. Logo em seguida, a profissão foi regulamentada.

V.A. – Quando é que a profissão foi regulamentada?

L.O. – Ih! Agora você me lascou ... acho que foi ainda no governo Figueredo. Talvez ainda nesse governo, provavelmente. Eu não me lembro, mas eu já tinha largado. Aí entrei no Movimento Negro, aí pronto!

A.P. – Mas como é que você toma contato com o Movimento Negro? Como é que surge? Como é que você conhece?

L.O. – Primeiro foi aquela questão que eu falei para você que eu vi no jornal quando eu estava na escola técnica. Saiu alguma coisa em Brasília que eu digo: “puxa vida! Movimento Negro...”

V.A. – E o que é que saiu no jornal?

L.O. – Não lembro. Eu vi alguma coisa relacionada. Não sei se foi no início, lá em Brasília...

V.A. – Algum ato de racismo?

L.O. – Não, não foi ato de racismo. Foi alguma coisa de reivindicação, algo assim...

V.A. – Ah, está!

L.O. – Eu disse: “puta merda! Movimento Negro!” Eu mostrei até ao cara da seção do diretor da escola técnica. Eu falei: “Poxa, aqui ó!” Aquilo para mim foi... Aí eles nem se tocaram, naquela época da ditadura, eles nem se tocaram. Eu falei “tem Movimento [Negro], existe isso!” Aí no Espírito Santo começou a se discutir a questão de MNU. Eu tinha uns colegas que sabiam que eu tinha uma associação e falavam: “pô Luiz, está

acontecendo isso em Santo Antônio, reunião ...” [Eu dizia:] “ah! Eu vou!” Mas nunca dava porque eu estava agarrado com a Associação dos Técnicos. Puta merda! Não deu para ir em nenhuma delas ... [Eles falavam:] “ó Luiz! Agora nós estamos no Centro, no Edifício Ouro Verde, nós nos reunimos dia de sábado à tarde.” [Eu dizia:] “Não, legal eu vou!”. Mas não deu para ir à nenhuma daquele pessoal do MNU. Aí eles [sumiram]. Não ficou nada, só os intelectuais que ainda têm uns, mas não foram. Organicamente nada.

V.A. – Quem eram essas pessoas? O Senhor se lembra dos nomes?

L.O. – Ah! Tinha Cleber Maciel que era professor na Ufes, morreu inclusive. Esse que me chamava muito era Wilson. O pessoal chamava ele de Simonal. Esse me convidou várias vezes. Ele está em São paulo hoje e me chamou bastante. Ah, têm várias pessoas lá, mas para citar bota ... tinha Miriam, mas eu não tinha contato com essa gente. Só o Wilson que eu conheci porque ele era técnico, era da mesma Associação, então era ele quem me falava, mas os outros eu não conhecia.

A.P. – Isso no iniciozinho da década de 1980?

L.O. – É, não é? Foi quando aquele movimento lá?

A.P. – 1978.

L.O. – É, então foi no início de 1980, que eu já ficava sabendo. Quem sabe não foi essa que eu vi no jornal, aquele estouro que deu lá em 1979, talvez seja isso ou depois disso algum movimento em função do MNU, quem sabe? Eu sei que foi uma coisa de negros, eu não me lembro o que é que foi, mas me chamou a atenção: “Movimento Negro! Eu tenho que ... isso aí que é a minha! Eu tenho que achar como é que fica, eu tenho que encontrar esse pessoal. Esse é o lugar que eu preciso realmente!”

V.A. – Porque é que o Senhor sentiu que ali tinha alguma coisa?

L.O. – Olha, eu senti ... isso aí é até difícil de explicar, mas fica faltando coisas no negro. A maioria dos negros, eu acho que... o negro, ele é – vamos dizer assim – sofre um pouco de aleijão porque no Brasil enquanto a gente não completar mesmo, ter a sua cidadania, o seu valor, ele é um pouco mutilado. Para você ver assim e sentir coisas é porque alguma coisa sua precisa movimentar e ali que vai fazer. Você sente que tem vazio...

V.A. – Porque a gente tem conversado com algumas pessoas e elas têm explicado para gente um pouco como é que essa identidade de negro foi se construindo. Porque no Brasil como ...

L.O. – Porque no Brasil tem essa coisa: “Ah! Você não é negro!” Eu lembro de algumas famílias lá na ilha, pessoas do interior, têm muita gente de Minas Gerais. Veio uma vez uma senhora, uma velhinha que já faleceu. Chegou uma pessoa lá da nossa turma, porque lá tinha aqueles mais tinta forte. Ela disse assim: “eu não gosto de negro!”

V.A. – Falou para o Senhor?

L.O. – Falou para mim, para o neto dela, Adilson que faleceu e era professor na escola técnica. Com a gente, tinha esse tinta forte, que eu não sei quem era. E a velha, ela morava assim no quintal e ela sempre estava ali. Toda hora a gente estava passando ali na casa deles e ela vivia dentro de casa. Eu me lembro que ela falou assim: “Eu não gosto, não sei o que e tal!”. Aí eu falei assim (porque tinha um cara ali ... e era aquele pessoal de Minas que falava baixinho): “Mas vó, eu também sou negro vó!” [Ela respondeu]: “Não, você não é não!” Agora eu não sei se eu era marcado porque eu andava muito com o neto dela. [Eu disse novamente:] “Sou vó, eu sou também!” e [ela me respondeu]: “Não, você não, que ódio dessa raça, dessa gente!” Aí na minha militância eu ficava vendo muito isso das pessoas antigas. Já as pessoas antigas negras, quando eu comecei a militar mais assim [efetivamente], eu passava na casa delas, conversava com as filhas delas, elas falavam: “vamos almoçar aqui! Olha esse negócio de Movimento Negro...” Tinham medo, era barra pesada mesmo: “ih, esse negócio de Movimento Negro! Isso aí vai dar problemas!” Várias delas disseram isso. Eu ficava para...

V.A. – As pessoas mais velhas?

L.O. – É, as pessoas mais velhas.

A.P. –Deixa eu te perguntar uma coisa, até pensando nisso. Você disse que na sua casa, na família não se discutia.

L.O. – Nada!

A.P. – Você tem algum momento assim na sua trajetória que você identifique: “Ali eu passei a me ver como negro!” Porque você não discutia, não existia essa discussão sobre raça na sua juventude como você disse. Há algum momento em que você perceba assim: “não! Aqui eu passei a me identificar como negro!” Porque em geral como você não é tão tinta forte, você sempre se viu como negro?

L.O. – Não. Se eu for olhar mesmo a infância eu me via ali como pobre por causa dos colegas. Bife eu fui comer na casa de colega, colega melhorzinho, então ele deixava um pouco de comida assim, a gente pegava. A gente pegava um bife e tal, então eu comecei assim...na escola, na Padre Anchieta, a gente não tinha pão. O que é que eu fazia? Eu tinha mais uns dois ou três [colegas], a gente tomava pão às vezes dos meninos de Jucutuquara assim na hora do recreio para comer com manteiga. Então essa parte era mais a pobreza mesmo, você não sentia mesmo porque em casa a mamãe [tinha] várias coisas [que se remetiam] à África, mas aquilo nem era...tinha pilão, a caixinha, mas a gente nem se tocava...poderia se tocar em alguns momentos, mas era um negócio muito assim...se você não tiver uma consciência hoje igual nós estamos fazendo, ah...era uma diferença que lá passava batido.

A.P. – Como é que surge essa sua identidade negra? Como é que você se reconhece?

L.O. – Olha, eu me reconheço ... eu vou mais por questão de desigualdade. Eu trabalho muito na linha sociológica, não trabalho nessa linha de discriminado não. Eu trabalho na linha de desigual, na linha de pesquisa de que existe a desigualdade porque essa desigualdade está relacionada à raça, ao passado e faz de tudo para se manter. É assim no Brasil e no mundo. O mundo é assim racialmente e tal, então eu me identifico mais com essa luta e não por eu me achar, eu ser ... eu sei que existe, mas eu não trabalho muito nessa linha de coisa não, eu trabalho na linha de desigualdade mesmo. Está desigual e precisa ser igualado.

V.A. – A gente está preocupado com o seguinte: O tal jornal que você viu podia não ter ..a gente quer saber porque é que você ...

L.O. – Exatamente! Eu não sei. [Risos] Eu acho que eu já conversava algumas coisas, mas não assim de movimento. É a infância da gente, não é? Vai acontecendo coisas que você vai vendo assim...mas não é aquela coisa que você dá muito peso, mas evidentemente você é criado “não anda com fulano!”, mas aí não era questão ... a gente via que os meninos lá de baixo não andavam com a gente que era do morro porque a gente era engraxate, filho de lavadeira ... então a gente sente essas coisas. Eram coisas que ficavam dentro da gente mas não por questão de ser negro, porque não era tanto assim, não era isso, por isso. Era porque era filho de lavadeira, então têm aquelas famílias que criavam os filhos e queriam tirar onda de coisa e tal...e, no entanto, depois eles ficaram tudo em um nível tal e a gente ultrapassa. Então a gente sempre lembrava: “Pô, fulano [inaudível]”, de vez em quando eu reflito. Agora não que eu não me lembro mais disso, nem quero lembrar mais. Poxa, as mães falavam que não gostavam que os filhos andassem com a gente e não sei o que, hoje os filhos está tudo...hoje em nível de formação acadêmica, a gente já ultrapassou em muitos anos e eles viam a gente dessa forma. Então, acho que essa formação de consciência mesmo negra, acho que foi se dando sem você assumir assim, porque antigamente ninguém – aliás ninguém não! – várias famílias foram criadas diferentes, com histórias de negro dentro e tal. Isso aí várias, lógico que tem. Agora, muitas vezes, não se manifestava no sentido político, mas mantinha lógico. As pessoas que vieram do interior, daqueles quilombos ou pessoa também que buscava ascensão. Podia não assumir, não brigar, mas ligados. Têm muitos negros. O próprio [inaudível] assim de ascensão, professor de família, morava [inaudível] que era uma casa. Evidentemente que esse pessoal deveria ter uma consciência porque está morando em um lugar aonde ... agora, a gente morando em bairros assim, não estava muito essa questão não. Pode ser hoje. Hoje a consciência mais do movimento Hip Hop, antes mesmo do Hip Hop. Eu acho que ... por isso que eu disse: “gostaria hoje de estar no meio de adolescentes”. Hoje eles têm a consciência muito melhor

porque não tinha, pelo menos na minha família nós não tivemos isso assim muito forte. Ah, a mãe lógico. A mãe da gente penteava aquelas coisas afro, mas a gente [eu e minha irmã] nem [se dava conta]. Nem se ligava porque daquilo. Ela já pegou uma coisa mais de interior, então às vezes ... alguma coisa de negro ela se ...

V.A. – Eu não entendi. A sua mãe fazia penteado afro na sua irmã?

L.O. – É, mas não foi ... porque trancinha todo mundo fazia naquela época. Essas tranças, não essas de hoje trabalhadas, aquelas tranças mesmo e tal.

V.A. – Mas a sua irmã não alisava o cabelo?

L.O. – Não, na época não.

V.A. – Isso já é uma diferença não é?

L.O. – Não, na época ela não alisava não. Só depois de adulta que ela começou a fazer, a entrar no padrão. Inclusive negócio de cabelo eu como militante eu não sou...eu elogio para caramba esse trabalho que essas mulheres negras fizeram que ajudou para caramba, vem ajudando muito o Movimento Negro, mas eu nunca fui de ficar cobrando das negras que estão militando dentro do Movimento. Acho que isso aí é um...poxa, eu já critiquei muitos companheiros lá. Eu acho que a mulher negra sofre tanto que ainda vai dar um castigo nela de obriga-la a não alisar, espichar o cabelo. É um absurdo porque ela sofre tanto. Eu sinto muita a mulher negra porque é um sofrimento. A mulher negra é um negócio complicado. Aí tem movimento que o pessoal cobra muito forte. Deixa ela naturalmente. Naturalmente, às vezes usa afro um dia no outro...deixa! O negócio é jogar a consciência. Consciência de que é negra, saber aonde vai, saber quem é e quem não é negro. Ir para o lugar do racismo e denunciar; o melhor é isso. Deixa ela à vontade! Eu não sou muito dessa cobrança na mulher negra pelo sofrimento dela.

V.A. – Bom, mas então a gente tinha parado quando o Senhor escapava das reuniões lá no Crea em São Paulo...

L.O. – É, e corria quando estava acontecendo alguma coisa. Achei muito [inaudível] voltando lá, porque em São Paulo houve também negócio de...O Amauri deve lembrar negócio de congresso. Fui assistir tudo lá. Tudo não, boa parte eu assisti. Várias pessoas de países do Caribe. Tudo negro do Caribe, eu acho que Amauri estava lá e talvez lembre.

A.P. – Na década de 1980?

L.O. – É, na década de 1980. É Congresso não sei o que das Américas.

V.A. – Isso.

L.O. – Acho que foi das Américas. É ... fui lá e participei de boa parte. Dali para frente, aí pronto. Cheguei no estado e já larguei a Associação. Já estava na Associação e mexendo com Movimento Negro aliás.

V.A. – 1982?

L.O. – 1983 eu criei o Centro de Estudos da Cultura Negra. Uma entidade nossa que está até hoje, depois de amanhã eu vou te dar o material ...

V.A. – Então agora a gente quer saber exatamente como é que foi isso. Então em 1983 ...

L.O. – Em 1983, eu criei a Associação.

V.A. – Qual o nome? Associação ...

L.O. – Não, Centro de Estudos da Cultura Negra (Cecun). Foi em fevereiro de 1983. Então, aí o que é que a gente fez? Nós pensamos assim: “poxa, a gente precisa criar uma entidade no estado, nós precisamos dar uma politizada nesses terreiros, uma politizada na escola de samba. Pensava as coisas assim, chegar e ter alguma coisa para politizar esse meio. Fazer esse meio mais crítico e tal. Meio que era essa [a intenção] e ali formar uma intelectualidade crítica negra. Essa foi a ideia para criar o Centro de Estudo da Cultura Negra. Conversei com várias pessoas, na época tinha um sociólogo que me acompanhava legal. A gente sempre se encontrava para discutir. Nem de lá era. Ele era de Brasília e já estava trabalhando lá há um tempo. A gente discutia, ele era professor também (foi, quando estava em Brasília) da Universidade de Brasília.

V.A. – Como era o nome dele?

L.O. – Era Paulo César, um negócio assim ...

V.A. – O sobrenome o Senhor não lembra?

L.O. – Não, não lembro. Acho que era ...

V.A. – Era sociólogo e era de Brasília.

L.O. – Era sociólogo. Ele foi para Vitória para trabalhar naquele negócio de BNH, ia um montão para lá. Acho que era BNH, negócio de habitação, eu acho. Eu acho que era isso, então ele foi para lá e sempre com essa coisa. Daí ele via reunião, se interessava pela questão racial e tal ...

V.A. – Ele era negro?

L.O. – Ele era negro. Assim da minha ... do tom negro. Então a gente conversava sobre a questão racial, ele contava os episódios também lá nessa universidade em Brasília, que ele dizia que só tinha um aluno negro. Quando puxava a questão o menino ia para o banheiro. O menino ou a menina corria para o banheiro. Sabe que é isso sim. Se tiver um aluno ou uma aluna negra e você puxar essa questão, não é? Hoje ainda é assim, mas se você tiver militância, se a pessoa tiver uma formação, mas eu já passei vários casos desses assim. Pior quando têm alguns que levantam dizendo que não tinha racismo porque eu fiz muita palestra em sala de aula de faculdade e passo por isso. Mas o Paulo César, então a gente sempre conversava a respeito e fomos em algumas reuniões de outros grupos. Aquele pessoal da Igreja [inaudível] nós chegamos a ir em umas reuniões lá: eu e ele. Fomos a umas três reuniões, fizemos críticas e vimos que a coisa era assim ... aí eu pensei: “nós precisamos criar uma entidade autônoma!” Aí entra a questão da autonomia: assim, assim, assado. Não pode estar dentro de Igreja, dessas coisas porque não têm condições desse pessoal criar um projeto político para negros. Não tem condições! Aí pensei: “tenho que criar essa entidade!” Contatei várias pessoas, andei fazendo reunião e um dia eu fiz uma convocação na Casa da Cultura ali no Centro de Vitória. Eu disse: “vamos fazer uma convocação aí, vamos convidar esses negros todos para a gente criar esse Centro de Estudos da Cultura ... essa entidade. Fiz a convocação e tal, acho que foi à noite. Dia de semana à noite a convocação. Apareceram várias pessoas lá, daí a gente discutiu a necessidade e tal. Entidade assim, assim, assado para trabalhar em escola de samba, politizar terreiro também para gente começar a discutir com os caras, politizar mais ... a gente precisa desse pessoal consciente e forte para poder levar esse nosso projeto. A gente precisa atuar na sociedade e precisamos criar de uma forma que se o bispo é ouvido, a gente precisa ser ouvido no estado. Nós temos uma população grande e a gente precisa ser ouvido. É preciso criar uma organização para ser ouvida no estado. Se vai acontecer qualquer coisa no estado se ouve a Igreja, o bispo, então a gente precisa ser ouvido também. A intenção também foi essa; jogar em cima disso.

V.A. – Eu não entendi. Se ouve ...?

L.O. – Se acontecer determinada coisa aqui na Bahia, mexer qualquer coisa assim forte, aqui eu acredito que o bispo vai ser ouvido. São as autoridades mesmo que existem: presidente de Assembléia, governador, prefeitos, eles vão ser ouvidos em [inaudível]. Então, eu achava que a gente também como maioria ou como um segmento da sociedade precisava criar uma organização para esse segmento ser ouvido.

V.A. – Como maioria o Senhor está dizendo?

L.O. – Não digo como maioria não porque a minoria também tem que ser ouvida, mas digo de ter força mesmo política. Ser uma força política no estado, um segmento político grande, que é prejudicado e que precisa ser ouvido. Essa foi uma intenção que eu queria jogar como pretexto com esta concepção. Esta concepção da conscientização do nosso segmento (para ficar forte, politizado e tal) para chegar a esse ponto de ser ouvido. Aí foi quando a gente criou o Cecun.

V.A. – Essa reunião na Casa da Cultura então foi em fevereiro de 1983?

L.O. – Foi, no dia em que ele [Cecun] foi criado. Dia 24 de fevereiro de 1983. Não sei se nesse dia a gente já aprovou estatuto porque já vínhamos fazendo (eu, Paulo César também ajudou ...) uma proposta estatutária. Se eu não me engano, não sei, porque depois nós não regulamentamos logo não, só depois que a gente registrou. Mas depois ficou tendo estatuto, não sei se foi nessa primeira, eu sei que criou, foi criado!

V.A. – E que tipo de pessoa compareceu a essa reunião? Quem foram as pessoas?

L.O. – Olha, ah! Lembrar assim ... tem o Everaldo, que hoje trabalha na Telemar, teve o [inaudível/Saturnino] do MNU. Eles dizem que se lembram, mas eu não lembro muito de algumas coisas. Inclusive eu fiz um livro, botei uma porção de nomes depois, deixei um buraco de umas quatro ou cinco linhas porque eu não lembrava. Alguns eu lembrei e botei, mas deixei um buraco lá. Aí quando eu encontrava as pessoas [elas diziam:] “Não, eu estive naquela primeira reunião da criação!”. [Eu pensava:] “Será que esteve mesmo?” Eu sei que depois algumas atividades, tiveram umas pessoas que disseram que estavam na primeira, mas nas atividades que começaram a haver não estiveram. Debates (em 1985 nós já fizemos), coisas assim, elas não estiveram. Aí começamos a caminhar muito para o lado da educação, eu comecei a jogar já muito a entidade para o lado da educação desde o início. Eu lembro que nós fizemos um encontro certa vez sobre educação. Em 1985, chega gente do Maranhão, eles estiveram lá.

V.A. – Quem do Maranhão?

L.O. – Esse menino parece que esteve lá também, o Semog. Ele esteve em 1985 no encontro sobre educação.

A.P. – Quem mais? Mundinha Araújo?

L.O. – Não, ela não. Ela eu conheci no Rio porque ela ficou até na casa do Lucila [Bea] e eu fiquei a conhecendo. Ah! Foi ela quem me deu um modelo de estatuto. Mundinha! Eu me baseei no modelo de estatuto do Centro de Cultura Negra (CCN) do Maranhão. É, exatamente! Foi bom você lembrar porque na época eu [conversei] com ela, com o Lucila ...

A.P. – Como é que você conheceu a Mundinha?

L.O. – Foi o seguinte: teve um encontro na Cândido Mendes no Rio. Eu sei que eu fui a um *show*, estavam os artistas todos. Eu fui com Lucila, que me jogou na fita. Ela ia convidar uma amiga [minha] e convidou, mas Nira não quis ir. Nira não estava a fim de muito militar no MNU, tinha declinado, meio ... em 1981, 1982, 1983, não sei ... Então ela me falou: “eu recebi um convite para ir lá no Rio. Um encontro assim, assim, assado, mas eu não estou mais militando. Eu não estou querendo assumir ...” Ela não queria assumir, igual eu fiz, de ficar com esse negócio nas costas [Riso], aí eu fui para o Rio de Janeiro. Fiquei em um hotel, a negrada toda, aí lá a Lucila, que era a pessoa na Cândido Mendes, falou: “Vamos dormir lá em casa?” É ... acho que foi um negócio assim ... não sei se eu fiquei em hotel no dia, não sei ... eu sei que ...

A.P. – Foi nesse encontro?

L.O. – Será que foi nesse encontro? Nesse encontro eu acho que teve hotel. Acho que não foi nesse não, acho que depois eu voltei a um outro lá. Esse dá primeira vez que eu fui, eu não conheci a Raimunda não ... eu fui a um outro, depois teve uma outra coisa que eu fui, acho que foi esse que eu fui com Lucila. Eu não lembro como é que eu fui no primeiro ...

A.P. – Mas isso antes de 1983? Porque em 1983 você já tinha proposto um estatuto?

L.O. – É, quando fundamos. Então foi antes. Antes! 1981, não é? 1981! Pergunta ao Amauri porque ele deve lembrar. Tiveram uns dois negócios lá na Cândido Mendes em que ele estava. Eu fui em 1981, eu acho. 1981 ou 1982 ...

A.P. – Isso é muito interessante! Aí o Senhor conhece a Mundinha, ela lhe passa o modelo de estatuto ...

L.O. – Isso. Ela me deu o modelo. Ela disse: “ó! Eu tenho lá, nós temos o Centro de Cultura do Maranhão! Você podia dar uma olhada ...” Eu disse: “poxa, que legal, você tem estatuto!” Não sei se ela me deu ali mesmo. Eu sei que nós dormimos na casa de Lucila, naquele bairro de Martinho da Vila. Como é? Vila Isabel. Dormimos lá, ela me deu. Depois nunca mais [nos vimos], vi só *e-mail*, aquele negócio todo. Nunca mais eu a encontrei. Só vejo o nome dela escrito e sei que ela é de lá. Aí eu trouxe o estatuto, nos baseamos naquele estatuto deles.

A.P. – Você recebeu outras experiências nas questões que você viu interessantes, não só no CCN, mas em outros...nesses encontros você levava isso para o Espírito Santo?

L.O. Não! Ah, sim! Estruturalmente?

A.P. – Experiências, enfim ... além do estatuto, o CCN fazia outras coisas, outras entidades falavam sobre as ações ...

L.O. - Não pegamos nada. A gente foi fazendo de acordo com a nossa realidade mesmo e participando das coisas nacionais. Aí nessa época também foi uma briga para ser a referência nacional. Tinha esse pessoal da Igreja, da PM, esses negócios, nós também, outros negros, vários tipos de vertentes! E a gente conseguindo ser, ter uma identidade no estado. Lá sempre nós fomos muito combatidos! Hoje não porque nós ultrapassamos. Combatidos pelos outros grupos porque era a gente querendo ser mais autônomo e tal, ter essa posição nossa de muita exigência e a maioria dos grupos era muito presa, à Igreja, etc. E a gente não! A gente buscando sempre essa autonomia. Aí você incomoda. No meio do movimento começa a incomodar. Os movimentos tudo, às vezes, conspirava, votava contra nós, quando tinha coisa nacional. Lembro de alguns encontros que tiveram problemas. Do estado já sair com problemas, aí tinha que resolver a nível nacional por causa da ...

V.A. – Mas aí o Senhor disse que no início do Cecun tem a proposta de trabalhar a educação. Como foi isso? Essa decisão veio de ...?

L.O. – E tem até hoje. Veio de nós mesmos. Nós tiramos que o fundamental para nós como negros era trabalhar a questão da educação. Tentar modificar por dentro da educação, palestra já introduzia ... e já vinha desde a década de 1980 e as outras entidades nenhuma quase fazia assim. Nenhuma delas trabalhava. Era mais outras questões. A nossa batalhou! Nos encontros nacionais que a gente ia, ficávamos sempre defendendo isso. Inclusive eu lembro de uma vez que uma pessoa que quis me convidar: “puxa, eu tenho que levar você no meu estado ... mas é só educação essa entidade?” Eu falei: “não! Não é só não, mas o que a gente prioriza é isso mesmo. É a educação, a gente defende isso porque o movimento deveria colocar como prioridade das entidades negras!” Ninguém dava muita bola!

V.A. – É...parece que a Mundinha lá em São Luiz começou isso nas escolas também: Semana do Negro nas escolas...

L.O. – Isso! Eles faziam lá! Eu lembro que eles faziam esse tipo de atividade. Nós não. Íamos para as escolas convidados para fazer palestras, agora nós criamos esse tipo de coisa não. Nós incentivávamos gente nossa a fazer. Alguns professores e professoras nossas a fazerem. Faziam lá, criavam lá ou convidavam um quadro nosso para ir (como fazem ainda ...), não a entidade. Nós não fazíamos como eles fizeram não. O trabalho deles é um outro tipo de trabalho. Eu nunca fui lá não, mas eu sei que é um outro tipo de trabalho, eles têm

quadros bem mais qualificados! Nós não temos essas coisas como eles. Lá, eles têm quadros qualificados, desenvolvem projetos grandes. Nós não! Nossa entidade sempre procurou muito o campo político, não é partidário, mas político. Brigar mesmo contra o estado, fazer o estado assumir. Ninguém fazia e até hoje poucos fazem o que nós do Centro Estadual de Cultura Negra fazemos! Nós sabemos que desde o início, você vai lá em um governo estadual e se você olhar de 1983, 1984 em diante, você já vê coisas protocoladas do pessoal da educação. Quando eu ia para reunião nacional e falava isso o pessoal hum... porque eram aqueles grupos só mais, aquelas coisas...eu dizia: “Ó rapaz! Nós temos que começar a batalhar e quebrar a questão do estado, assumir!” Mas ninguém ... até hoje eu acho que poucas entidades fazem, ainda porque nós priorizamos muito a questão da educação, aí acaba você se distanciando, às vezes, dos outros nessa questão. Tanto que ontem ali com a Eliane Cavalleiro, ela falando sobre o trabalho deles lá na Secad [Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade], no final, eu ia e voltava e aquele negócio me puxou. Eu fui lá na frente e cobrei dela. Ela fez as explicações dela e eu não quis falar uma coisa porque ia pegar. A questão lá que eles prometeram uma passagem e não saiu para o [inaudível/ Cenenai] que nós temos aí. Eu não quis falar isso não, mas falei alguma coisa nesse sentido. Aí ela falou assim: “nosso papel é esse, agora o papel da sociedade civil é entrar no Ministério Público, é cobrar isso, aquilo...” Eu disse: “pois é no Espírito Santo nós já estamos fazendo isso!” Mostrei (porque eu já tinha dado um jornalzinho a ela) sobre o Ministério Público, sobre a lei 10.639. O Ministério Público já exigiu que os municípios todos a participarem do seminário, exigiu que as prefeituras acerca da educação têm que criar comissões de professores para implementar a lei. Aí ela disse: “pois é, tem que ser isso mesmo!” Eu falei: “então, a Secad tem que ter um trabalho que fortaleça as organizações do Movimento Negro.” [Ela respondeu:] “mas não dá, nós fortalecemos as secretarias de educação, agora com a sociedade civil não dá para fazer nada.” “Não, não é possível, tem que criar uma forma”, eu coloquei para ela isso. Então nossa entidade esta nesse nível assim. Há muitos anos, ela questiona o estado, inclusive eu levava para Conen essas coisas e o pessoal tudo...porque ninguém, faziam coisas de educação, mas junta isso dentro de escola, não sei o que...mas não como entidade, assumir o seu estado, cobrar da prefeitura, pressionar e a gente não, desde que criamos, fomos assim, fazendo este tipo de trabalho, priorizando mais essa questão.

A.P. – Você estava falando sobre a atuação no início do Cecun cobrando ao governo, pressionando ...

L.O. – Ah, sim! É. Então nossa linha de trabalho e ação foi essa e também o fortalecimento, a mobilização no estado, dentro do Movimento Negro. A gente sempre saía na frente para

organizar as coisas, por isso que a gente era muito criticado por outros grupos. Se a gente não fizésse, muitas vezes, não saía nada. Aí nós éramos obrigados a fazer convocações, quando tinha algum encontro nacional, alguma coisa, nós fazíamos as convocações para o pessoal vir discutir para ir com propostas e nossa entidade sempre saía na frente. Saía aí tinha esses problemas porque o pessoal queria pegar o comando: grupo de Igreja, PM, outros grupos, queriam pegar o comando do movimento.

V.A. – Além da PM, quais eram os outros grupos que tinham no Espírito Santo?

L.O. – Ah, tinham grupos de capoeira. Ah, tinham mais uns seis, oito assim, mas no campo sócio-político eram poucos. Alguns eram cultura, essas coisas todas e, no campo sócio político, deviam ter na época uns dois ou três e aí tinham assim essas coisinhas, tinham que acontecer mesmo, lógico. E aí a gente trabalhou bem essa questão da educação e a mobilização ser política nacional, justamente organizamos muitos foruns por conta da questão da marcha. A marcha de trezentos anos de Zumbi fomos nós quem organizamos lá. Nós que viabilizamos ônibus uns vinte e oito, vinte e sete. Não! Acho que foram quatorze ônibus. O Espírito Santo foi maior que o Rio de Janeiro lá para Brasília. Só perdemos para Minas Gerais, que também estava pertinho dali e o governo de lá na época estava na mão do pessoal, então foi fácil.

A.P. – Foi em 1995?

L.O. – 1995. Você foi naquela?

A.P. Não. Mas eu queria te perguntar antes de 1995. Teve um encontro Sul-Sudeste em 1987 lá no Espírito Santo, não é isso?

L.O. – Ah! Nós puxamos um Sul-Sudeste no Espírito Santo. O primeiro foi no Rio, em 1991, São Paulo. Do Espírito Santo eu não lembro qual foi a data.

A.P. – Acho que foi em 1987, não é isso?

L.O. – 1987?

A.P. – Sul-Sudeste, 1987 foi no Rio?

L.O. – No Rio. Não sei, acho que em 1991, não sei, foi em São Paulo ...

V.A. – É, foi em 1987. De 19 e 20 de setembro de 1987.

L.O. – É, no Rio, lá na Uerj.

V.A. – Não!

L.O. – No Espírito Santo?

V.A. – Em Vitória, I Encontro Estadual. Ah! Estadual, esse foi estadual.

L.O. – Estadual.

V.A. – Foi o Senhor quem organizou?

L.O. – Nós, tudo nós. Tudo era a nossa entidade.

V.A. – I Encontro Estadual do Negro no Espírito Santo de 19 a 20 de setembro.

L.O. – Ah, está! Como é que vocês têm isso? Foi o Amauri que passou isso?

V.A. – É, esse a gente pegou do arquivo dele, do arquivo do Amauri.

L.O. – É, então foi em 1987 o Encontro estadual para ir para alguma coisa isso aí. Quando tinha assim era para gente ir para algum lugar.

A.P. – Em setembro, logo depois, foi o Sul-Sudeste lá no Rio. Era uma preparação para o Sul-Sudeste no Rio.

L.O. – Estava perto?

A.P. – Foi logo depois o Sul-Sudeste no Rio.

L.O. – Ah, então foi! Foi isso mesmo para tirar ... aí deu um problema ... não esse aí não teve problema não, a gente foi para o Rio. Isso mesmo.

A.P. – Aí depois organizaram um em Vitória?

L.O. – Organizamos lá, não lembro, vocês têm idéia ...?

A.P. – Foi o que? O II Sul-Sudeste?

L.O. – O segundo foi em São Paulo na USP. [No Espírito Santo] foi o terceiro.

A.P. – E essa relação interestadual como é que era?

L.O. – Com os outros estados?

A.P. – Até a construção desses encontros, vocês participavam ativamente. Como é que era isso, essa relação com as outras entidades?

L.O. – No estado ou nacional?

A.P. – É, interestadual.

L.O. – Ah! Com os outros estados. Era aquela coisa, você ia para o encontro, mas não conhecia ninguém, só ficava se conhecendo ali. Nós vínhamos de um movimento sem estrutura financeira. Você não consegue acompanhar essa questão do que estava se fazendo, então a gente ficava muito no mesmo lugar. A gente tirava lá resoluções, aprovava coisas, o pessoal levava um tempão para fazer o relatório, não fazia. Quantas vezes eu mandava o relatório, apanhava de outros estados, para vir fazer no Espírito Santo porque outros companheiros não davam conta, aquele negócio, aquele marasmo. Os encontros também nos outros estados muito desorganizados. A gente via e voltava muito triste porque dávamos tudo aqui no estado do Espírito Santo, dava tudo para coisa e quando chegava muito desorganizado, aquela coisa ... a gente vinha meio aborrecido e falava: “um troço tão difícil, acho que desse jeito nós não vamos a lugar nenhum. Vamos fazer um no Espírito Santo para o pessoal ver, para daí para frente ver se eles fazem igual. Aí fizemos no Espírito Santo o pessoal ficou maravilhado. Quando se encontra gente ainda hoje se fala. Tivemos um mesmo lugar para ficar todo mundo, comida maravilhosa, café, tudo bonitinho, certinho. Guarda, policial ... o pessoal do Rio ficou encantado: “puxa, nunca tinha visto ...” Matilde, estava essa coisa toda, Ivanir, esse pessoal estava tudo. Eles ficavam doidos. Eu fiz uma atividade cultural à noite, que saiu de lá um ônibus, veio para a cidade em um parque grande e trouxemos várias atividades culturais do interior. Coisa pura! Ticumbi, que não saía de lá nem por um decreto. Nós conseguimos trazer o pessoal lá

de Conceição da Paz, divisa aqui com a Bahia, levamos para apresentar. Aquela coisa, vários grupos do interior, tudo coisa linda e o pessoal lá da cidade filmou. Os caras, “não ...”, deixava aqueles grupos e ia lá para beber. [Eu pensava:] “puta que pariu, os caras não têm nada na cabeça!” A cultura nossa, coisa pura nossa, nem. “Puxa, esses caras, eu não vou para lugar nenhum com com esses militantes negros desse jeito não, não dá”, [eu pensava]. Porque não dá, o pessoal não têm essa ... está entendendo? Cultura rapaz, tem ter o maior respeito com a nossa cultura. Resistência para caramba da coisa, é histórica. O militante tem que dar a maior atenção. Quer mudar mesmo, revolucionário? Tem que dar o maior respeito, a maior atenção. [Respondiam:] “Não, não!”. Eu pensava: “meu Deus do céu, desse jeito vai ser complicado!” E eu sempre tive isso. A nível nacional sempre tiveram esses problemas que eu tive. Aí o pessoal do Rio Grande do Sul quis levar para lá um próximo, mas a turma de Rio e São Paulo é fogo. Aí querendo levar para o Sul, daí para Sul-Sudeste, parou naquele. O pessoal falava em congresso, eu sempre cortei, nunca concordei com congresso. “Que criar congresso!” O que eu sempre defendia no Movimento Negro e defendo é o fortalecimento nos estados. Nada é fortalecimento de cima, no nacional. Fortalecimento nos estados, aí sim você vai fazer um bom nacional. Mas aquilo como eu falei, como você falou “a relação”. Você chegava e reunia. Daí uma turma vinha, aí você pensava: “quem é esse aí? Eles têm algum trabalho, alguma coisa!” E vai ver que ninguém conhecia, nem o vizinho conhecia, às vezes, a pessoa, enfim. Eu estou aqui representando o estado não sei o que. Eu lembro até que, uma vez, um encontro aqui na Bahia, em uma praia, saiu um garoto lá, que hoje a gente até conversa legal, mas o garoto disse: “eu estou aqui representando Minas Gerais!”. Nunca vi o garoto, daí eu questioneei ele: “Rapaz! Você representando Minas Gerais? Um estado desse, com um contingente desse, você? Garoto novo, começando agora?” Quer dizer, às vezes, porque estava em um grupo organizado e esse grupo estava ligado à alguma estrutura grande, ele tinha algumas facilidades. Mas com o pessoal dele, não é ter relações com todo o segmento negro e o caramba. A pessoa para falar em nome assim, eu acho que tem que ter conhecimento ali, conhecido ... aí você pode falar alguma coisa, inclusive com muito cuidado. Agora, está vindo um segmento aqui, novo, vai falar por um contingente como Minas Gerais, rapaz? Ah, aquilo! Dali para a frente eu fui ... quis até botar alguém da entidade na diretoria da Conen e tal (já era Conen), eu comecei a me afastar. Falei: “ah! Não dá ...!” Aí fiquei assim defendendo ter forum no estado. Amauri, essa turma toda, nem dava bola. Eu falava: “ó, minha gente! Se não tiver forum no estado, não dá! Nós temos que estar fortes no estado!” Eu sempre bati o martelo nisso. Eu ainda defendo, mas hoje eu não estou mais indo muito as coisas então eu não falo mais nada. Quando eu vou para eles eu falo isso: “gente vamos ter forum no estado. No estado você tem que dar um chute!” A imprensa vinha [inaudível], nós temos que criar essas condições. Aquilo que eu falei no início. Se der um impacto na sociedade, você tem que ser procurado para falar. Nome e tal, do segmento, nós temos que criar isso. Aí no nacional nós vamos ficar fortes. Mas, não adianta. A gente cria um negócio

que os caras, o setor lá respeite a gente. Lógico, se você está, é da Coordenação Nacional ... eu sei que várias vezes eu fui chamado lá na mesa [escrito:] “Coordenação nacional”. Eu falava: “Isso é falso!” É falso, não tem ... eu ir falar em nome do [nacional]. A gente não tem uma estrutura para você chegar e ... eu achava falso, eu fui saindo fora dessas coisas, porque é muito para aparecer, ir para palanque, não tem trabalho. Então eu sempre defendi o Movimento Negro assim com o fortalecimento no estado e questionava essas pessoas do nível nacional. A relação que eu tive foi assim. E eu, a nível nacional, era um pouco isolado nessas discussões porque eu defendia sempre a autonomia do Movimento, essas coisas todas ... criticava alguns negros que eram parlamentares, tinham projeção nacional e quando iam no seu estado não reuniam primeiro com o Movimento Negro e nem depois também! Iam embora! Comiam lá com seu governador, com as suas autoridades lá e nem procuravam a gente. Por exemplo, o caso da Bené (Benedita da Silva). Sou crítico! Ela ia lá no Espírito Santo encontrar com [Vitor Buas/inaudível], foi prefeito, foi governador. Ela não procurava a gente, quer dizer, aí eu vejo, aí eu criticava essa liderança: Flavinh[a/inaudível], Ivanir, essa turma toda e dizia: “vocês estão traindo o Movimento!” Não cheguei a falar isso, mas hoje eu falo: “estavam traindo o Movimento!” Eles deveriam falar: “você está indo lá? Primeiro reúna com o Movimento!” Igual eu defendo isso. Primeiro vamos fortalecer o Movimento. Vê quem tem movimento, conversa com ele para perante às autoridades falar: “ó, primeiro foi falado com o Movimento Negro!” Isso não cria identidade? Você vai a uma cidade: “olha! Me agenda aí, mas primeiro eu quero conversar com o Movimento Negro!” Isso aí quebra a pessoa [que pensa:] “ih, rapaz! Esse pessoal ...!” Começam a te respeitar, mas não. Não davam nem bola. E hoje ainda é um pouco assim. Já melhorou um pouco, têm pessoas que pedem: “ó, quero primeiro na agenda conversar com o Movimento Negro.” Já tem várias que fazem isso, mas ... aí eu via naquela época e falava: “poxa, já vai tão difícil, se a pessoa não ajudar nesse nível, nós estamos roubados!” Aquela época fizemos partido, estavam fazendo tudo e a gente precisava ter esse fortalecimento. Ia lá, ajudava o candidato X e não reunia com a gente. Depois encontrava com a gente à noite: “ah, é! Oi tudo bem?” Aí na reunião nacional estava lá, falando em reunião. Poxa! Isso não ajuda o Movimento! Isso é sacanagem! Então, eu criticava muito isso e aí eu era meio isolado. Isolado com a [inaudível] autonomia muito forte e ela me isolava. Eles tinham e botavam pessoas para me bater. Me quebravam nas reuniões, mas eu defendia a utonomia perante a partido, ao sindicato, à Igreja e fui muito ferrenho com eles. Hoje nem precisa mais porque a coisa já está posta mesmo. A turma nossa não ligava para isso não, acho que a cabeça mais avançada, pessoal de São paulo, não ligava para isso não ... É a cidade grande, já estavam mais acostumados talvez com a diversidade, não ligavam não. [Diziam:] “ó! Isso é perigoso!” Esses caras lá no Espírito Santo, quando vinha essa turma de Igreja, eu falava e partido que pode se falar muito hoje, que está precisando demais: “olha! Vocês têm que pegar aqui, discutir e conhecer a questão racial; o que é que ela faz para transformar, para desconstruir e para ter nas suas instituições

brancas: igreja! Sempre defendi: “vai para dentro da Igreja!” [Resmungavam:] “Não!” Rapaz, você não pode vir de lá para cá com essa de [inaudível] porque a Igreja tem ciúme e pensa que vocês têm também ciúme da gente e vocês mudam porque não vai mudar não. E era pau... “vocês têm que ir para lá, não é vir para cá com a regra da organização deles e jogar para cima da gente não. Vocês têm que levar a nossa, o que puderem pegar da gente para quebrar isso tudo lá!” Para eles entenderem isso foi difícil. Aí daqui a pouco, eles também começaram a ser expulsos da Igreja e não ficaram nem no Movimento nem na Igreja. Ficaram em uma situação complicada. O bispo começou a expulsar eles. E a [inaudível] ficou: “poxa vocês não me aceitam, eles também não aceitam lá. Ficaram em uma situação ... então essa liderança me isolava, o pessoal lá do Conen então me isolava. Ficava um controle partidário da Conen. Nosso pessoal do PT controlava a Conen e eu sempre contrário. E hoje nesse último congresso [inaudível] os negros da Unegro, que é do PC do B, ganharam e controlaram a Conen e aí os negros do [inaudível] começaram a chiar e eu falei para eles: “Está vendo? E aquela época que vocês me isolavam e controlavam? E agora? O que fazer agora? Vocês vão fazer o quê? Vai continuar agora assim? Vai ser sempre o controle partidário, sindical?” Porque isso já vem acontecendo há alguns anos, a questão do controle da Conen, as distribuições dos cargos, aquela coisa toda: partidário e sindical, o que eu sou contra. [O que conta] não é o trabalho que as entidades negras fazem nos estados não: autônomo e tal, porque eu defendo isso. É por partido e sindicato, se está forte, se não está ... e tem o grande problema que o negro foi indo para a África do Sul, tinha uma passagem e tal. Eu com uma entidade minha, que o pessoal têm que respeitar, porque bem ou mal a gente faz autônomo. Isso aí tem que ser pesado e valorizado dentro do movimento. Eu fui para lá e, quando eu fui, foi na Uerj também, aquela discussão antes, aquela conferência antes para poder acertar ir para África do Sul e tinha aminha que eu estava defendendo o interesse primeiro. No estado eu ia crescer muito se eu fosse para lá. Politicamente eu ia ficar forte como entidade negra e chegou lá na distribuição, o pessoal disse: “ó! A distribuição assim, o critério vai ser assim partido e sindicato. “Putá merda!”, fiquei doido, ficamos até quase uma e pouco da manhã na Uerj discutindo. Fechou a Uerj, nós tivemos que discutir no portão da Uerj, mas não teve jeito, foi dessa forma que distribuíram. E de lá vem isso ... agora estourou na Conen aí a Unegro, houve um probleminha aí que eu não sei bem ... mas parece que o dinheiro teve que passar por eles e eu acho que eles jogaram. Eles distribuíram o bolo e ficaram com a fatia melhor ou com toda a fatia. Aí a coisa começa a pegar porque eu acho que é um atraso para o movimento. Ou realmente vê uma forma desse negro que queira partidariamente não ocupar determinados espaços. A gente criou um fórum no Espírito Santo de entidades negras no ano passado ou retrasado, não sei (acho que foi no passado) e deu um grande problema com os negros partidário e sindical porque eles queriam ir para a coisa e eu disse: “não! Criamos dentro do regimento. Vocês são organizações negras, vocês não ocupam direção. Quem ocupa é quem é entidade negra. Entidade negra são essas, essas e essas. Vocês são organizações negras, a

gente botou lá no regimento!” Ih! Deu um pau! Fizemos uma assembléia lá na Ufes, no sábado de manhã, mas ficaram com aquela visão de pau, pau, pau e eu mantive dessa forma. A gente têm que ter uma forma de fortalecer as organizações negras porque esse pessoal depois de uns anos, ele chega para você: “é, você tem razão!” Depois de anos: “é, você está certo!” Quer dizer, a gente têm que evitar. Sábado mesmo eu tive uma reunião lá em casa na sede do Cecun, porque eles funcionam lá em casa. Tive uma reunião que nós convocamos as pessoas para verem a questão das cotas. Nós já entramos no Ministério Público Federal para a questão das cotas no Espírito Santo. A gente teve um problema lá porque a universidade não quer adotar mesmo e aí nós falamos: “bom, nós temos que convocar uma reunião que tenha informação!” Tinha uma pessoa lá que teria que dar um informe, fazer isso. “O que é que nós vamos fazer e tal ...?” Aí na convocação – estava chovendo muito – foram algumas pessoas – de outros segmentos negros, aí tinha um lá que eu tenho altas brigas com ele porque ele é partidário mesmo. [Inaudível] defende a [causa negra e tudo/inaudível], mas ele é partidário mesmo. O cara é [intelecto/inaudível] até do partido dele, em que ele está. Aí ele falou assim: “sabe que agora eu estou chegando à conclusão que o Luiz Carlos tem razão quando ele fala isso.” Eu fiquei olhando assim. Um outro amigo meu falou: “não, rapaz! É verdade!” Eu disse: “olha! Eu não estou acreditando que o meu amigo já chegou a essa.” Meu outro amigo respondeu: “não rapaz! Ele está mudando mesmo. Está refletindo sobre a questão!” E essa pessoa [dizendo:] “sabe que agora é que eu estou enxergando! O Luiz Carlos tem razão nessa questão partidária, partido controlado e tal ... E isso aí pode estar acontecendo dentro mesmo porque tem uma juventude desse partido, que me deu assim ... eu fiquei feliz um dia desses com uma [inaudível] na Universidade Federal do Espírito Santo de alunos de cursinho pré-vestibular, os garotos e você sabe que esse pessoal que está controlando o DCE é que está apoiando a gente nas cotas. E também têm grande força do partido dessa pessoa no DCE. Mas você sabe que eu cheguei lá assim – inclusive os meninos estavam demorando a irem lá para frente, eu tinha outra reunião seis horas e estava marcado para as cinco ir falar com o reitor e entregar o abaixo-assinado. Aí eu falei: “poxa, está demorando!” A gente está acostumado com muitos caras unidos ali na frente [gritando]. Ninguém viu! Eu falei com os garotos: “vem cá? Não tem ninguém do DCE para puxar vocês aí não?” Eles disseram: “não, não, só na sala. Nós fomos lá para chamar eles para virem para cá!” Os meninos mesmos que saíram, foram lá e fizeram. Aí eu pensei: “poxa, esse negócio de DCE controlar partidariamente eu tenho um nojo danado, que é partido para lá ...” Mas não foi ninguém. Aí eu conversando com um menino da corrente, que disse que agora tem um bom espaço dentro do DCE, eu falei: “pô bicho! Eu fiquei assim ... a sua turma, eu achei legal, não tiveram [inaudível]. “É, Luiz carlos, nós estamos conversando, refletindo, alguns tipos de atuação e tal ...” Eu falei assim: “legal, se vocês usarem essa e não ficarem aparelhando. Chama o pessoal e tal. Vocês ficam lá orientando politicamente para o pessoal avançar, mas não faz esse [bombardeio]. Ele falou que eles estão mudando. É juventude. Então de

repente a juventude já está com outro tipo de atuação, diferente dos antigos. De aparelhar, de ficar aparelhando porque eu defendo a esquerda nesse sentido. Nada de aparelhar, eu acho que tem que politizar, discutir, mas aquilo que você está ali deve estar à frente. Se é Movimento Negro, Movimento Negro tem plena certeza, outros segmentos até que nem tanto, mas o Movimento Negro tem plena certeza porque o partido a gente conhece. Ele é branco, a estrutura dele é toda branca, o controle é branco. A maioria das lideranças de esquerda é igual à direita na questão racial. Não têm diferença nenhuma. São dois pólos que convergem mesmo. Está entendendo? Com a questão racial eles não ... esquerda e direita é a mesma coisa! Então como é que você deixa esses caras controlarem a sua organização negra? Como é que você pode fazer uma estrutura dessas para controlar a sua organização? Sua organização tem que estar aqui fora e pessoas aqui participando. [Inaudível] que levantam isso aqui. Não, eles botam o partido lá na frente, depois do partido vem a Igreja, depois vem o sindicato, depois não sei o que ... [inaudível/a questão do negro sempre quando se faz as coisas agora, estão fazendo no meio do Movimento Negro tipo essas pesquisas]: “quais são suas prioridades?” Aí bota os nomes e tal, mas a pessoa mente muito. Bota Movimento Negro lá na frente. É mentira! Primeiro é partido! O interesse próprio também entra em segundo ou terceiro lugar, a questão do bolso. Têm gente dizendo: “poxa Luiz, precisa sim!” Mas o bolso que eu quero colocar é no sentido do pessoal querer ganhar vantagem, não é no sentido ... lógico, a pessoa precisa trabalhar e tudo, mas a primeira prioridade é partido. Segunda, Igreja, não sei ... terceira, sindicato, quarto, tem a questão do bolso que fica aí, deve estar em segundo ou terceiro, então vai para quarto já o sindicato. Partido entra em quinto ou sexto lugar sua prioridade. Ainda não mudamos não. Militante que não votasse a questão lá para primeiro ou segundo lugar ... primeiro, tem que ser em primeiro. Eu defini isso há muitos, desde que eu comecei a militar. Aí tinha aquele discurso, questão racial, questão negra acima de tudo. A gente usava muito aquele discurso: “acima de tudo!” Mas cada vez mais a gente encontra essas dificuldades. A pessoa não coloca, vem avançando e tal, mas enquanto não colocar lá por cima da prioridade a questão racial, não vamos avançar, vamos ficar de nhênhênhê, nessa aí, toda a vida, não vai colocar.

V.A. – O Senhor participou da fundação do PT no Espírito Santo?

L.O. – Participei porque eu participei do primeiro Diretório. Não que eu seja aqueles caras de esquerda porque eu nunca tive em corrente. Eu achava que o partido era bom para a gente botar nossas questões e assumir lá, mas engano, engano meu, pensando que essa questão nossa estava no campo mais à esquerda. Que nada ... nessa eu me enganei. Agora tem quem constrói, a Seppir foi criada, outras coisas. Lógico, é diferente então o

tratamento, mas eles vêm a gente como concorrente. Partido, essas coisas vê a gente como concorrente, disoutando espaço. Isso aí eu não imaginava, eu pensava logo no início que eles fossem pegar nossa causa e ... mas não! Nossa causa é muita luta para o cara aceitar e são brancos mesmo, é um movimento racista. Agora, eles têm mais possibilidade de aprender, de estar junto com a gente. No Espírito Santo então, naquelas reuniões, o pessoal até gozava: “pô!” Todas as vezes eles lembravam muito de mim porque eu sempre tentei discutir: “isso não! Questão racial!” O pessoal sempre lembrava, eles deram mais apuradinha por causa disso, a gente chamando a atenção deles e tal, então eles não iam na mídia falar aquelas besteiras igual os outros fazem. Você não lê porque tem nós lá dentro discutindo. Dentro do PT principalmente.

V.A. – Agora, voltando um pouco a sua trajetória profissional, depois que o Senhor saiu daquele Departamento de Edificações e Obras, o Senhor foi trabalhar em outro lugar?

L.O. – Olha, efetivamente não. Não fui, não tive, não consegui.

V.A. – Como é que se manteve?

L.O. – Só me virando. Fazendo alguns bicos, algumas coisas, uns projetinhos ali, fazendo um negócio assim, com grande dificuldade mesmo. Até na criação do PT eu ajudei, mas não me chamaram para nenhuma função.

V.A. – A onde que o Senhor ajudou?

L.O. – Ajudei...o PT eu ajudei...

V.A. – Ah, na criação do PT!

L.O. – Não sou fundador assim que nem aqueles caras de esquerda. Eu estava no primeiro diretório, eu me considero fundador porque participei do primeiro diretório. Não é fundador legal não? Não é legal, não é fundador você estar no primeiro Diretório? Então eu participei do primeiro Diretório. Aí sim, eu juntei muitas coisas e tal ...

V.A. – Mas como é que o Senhor conseguiu se manter financeiramente, só bico?

L.S. – Precariamente! Sem aspiração nenhuma de arrumar família, sem aspiração nenhuma. Não podia nem arrumar uma namorada firme porque e aí? Como é que fica a dituação? É, situação complicada ...

V.A. – O Senhor não casou?

L.S. – Não, não casei. Só namorada e tal e, às vezes, você também não podia arrumar namorada com situação muito ruim porque e aí como é que você ia ficar? Não é por esse motivo, mas sorte minha é que a namorada às vezes tinha um tempo. Elas tinham condições, me ajudavam a pagar as coisas, as saídas – para você não perder isso. Saía, ia no restaurante, qualquer coisa e tal. Mas eu, condições mesmo, eu nunca tive. Poderia ter um dinheiro, mas não era aquela coisa certa. Então, como é que você vai assumir um compromisso sem a coisa certa?

V.A. – Então realmente o Senhor escolheu o Movimento em primeiro lugar! [Riso]

L.O. – O Movimento. Agora tem um detalhe também porque a gente criou o Centro Estadual de Cultura Negra, foi outra coisa também alguns anos depois: “nós temos que fazer nossa entidade, desenvolver trabalho, onde nesse trabalho a entidade se mantenha e pessoas também da entidade - além de desenvolver potencial, também ganhem!” Aí nós começamos a criar as atividades nossas assim: Beleza Negra. O Beleza Negra já está no décimo sétimo, que vai ser agora esse ano. Ele foi criado por nós! Só que o troco era ... uma trabalhadeira danada, uma merrequinha saía no final, mas dava para ficar mais ou menos uns dois, três meses a entidade. Um troquinho e tal fazia a Beleza Negra.

V.A. – Como é que era a arrecadação de recursos dessa Beleza Negra?

L.O. – Só dava mesmo portaria, aquela merrequinha porque os próprios concorrentes que vendiam os ingressos. Lá no dia eles pegavam. Às vezes, a gente conseguia – eu consegui várias vezes – som, negócio da prefeitura. Aí eu sempre tinha uma pessoa amiga do secretário ...

V.A. – E era o que? Um desfile?

L.O. – Desfile! Poxa, as festas...

V.A. – Com ingresso cobrado?

L.O. – Ingresso cobrado, a entidade [ativa] e as outras entidades ficavam assim [de boca aberta] porque não estavam acostumadas com isso. Eu dizia: “não minha gente, nós, no nosso estatuto, a gente garantiu isso. Não está tão bom, podemos até melhorar mais isso!” A gente sempre quis fazer isso: buscar [caminhos] para a entidade sobreviver através do trabalho, desenvolver cursos ... Ultimamente nós temos cursos de capacitação de professores, temos o Cenenai, que é um núcleo regional e que – como vocês não vão embora hoje – amanhã eu vou trazer para vocês um jornalzinho, já estamos no quinto ...

V.A. – O que é [inaudível]

L.O. – É a nossa entidade negra na área de educação. É o que eu vou expor aí. No quinto agora nós fizemos. Inclusive a maioria doida para ir: “poxa, você nem convida!” Então eu tenho uma rede de doutores, mestres e tudo. Eu tenho vários contatos nacionais dessas pessoas que eu consegui capacitação. Eu vou e convido eles, quando é presencial ou à distância, eles escreverem para mim os módulos. São onze módulos esse curso nosso à distância. Têm “A existência humana”, “Teoria do racismo”, “Produção e reprodução do

racismo”, “Cultura negra”, Educação afro-descendente”, “Luta e resistência do povo negro”, Introdução à história da África”, “O negro na Literatura Brasileira”, “Saúde da população negra”, “Direitos humanos” (esse fui até eu quem fiz) e o décimo primeiro “Reparações/ações afirmativas”, esse foi o Medeiros que escreveu. Então têm esses à distância e também os presenciais, então no [inaudível] agora a gente usou. Já que usou o princípio da lei 10.639 que nós trabalhamos lá, lutando sempre – tem uma pastinha ali para o Ministério Público, como eu falei anteriormente, cobrando às prefeituras para implementar a lei, montar comissões ... então eu criei o formato desse quinto [inaudível/Cenenai] diferente, que agora eu vou montar até 2010. Seria fazer a primeira etapa – foi a forma que eu criei para capacitar professores porque está difícil nessas prefeituras! Então eu fiz maio com dois dias, daí você inscreve o pessoal (as prefeituras quase todas elas inscreveram, um dois, três ou cinco, mas inscreveram). Em novembro eles voltam. Eles estão estudando o módulo porque eles estão desenvolvendo o projeto pedagógico nas escolas. No interior, eles estão tudo desenvolvendo projeto pedagógico. Agora, em novembro, dias 23, 24 e 25 é o final, mas só que eu pensei de lá mesmo – nessa primeira etapa em maio, que foi na Cefet de Jucutuquara: “sabe que não vai dar em novembro para o pessoal fazer a exposição do trabalho deles!” Porque nesses módulos precisa ter um trabalho para expor, eles estão elaborando esse trabalho. A gente falou: “não vai dar não!” Por quê? Porque em novembro (23,24 e 25) vai ter apresentação de trabalhos para premiação. Vão dar prêmios. Amanhã tem que comprar livros aí para levar porque os prêmios são livros! Primeiro, segundo e terceiro [lugares] na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Nível Médio. Então todos eles vão pegar livros. Tem que distribuir livros. Eu tenho até que comprar, eu pedi ao [Azeitona], mas eles não vieram. Então, veja bem, em maio eles fizeram o seminário. Só que a gente sacou que se for levar para novembro aí não vai dar. Vão ficar lá e vai ser uma cansaça danada! Aí, nós bolamos em maio. Lá dentro eu levei a proposta, a gente avaliou, fizemos a reunião e aprovou: vai dar! Nós temos que criar outras datas no mês de sair para poder esse pessoal fazer a exposição de trabalhos dos módulos e no dia 23 e 24 somente quem for concorrer, senão não vai dar. Bom, eu fui lá e expliquei: “olha gente, em outubro e novembro nós vamos fazer isso, isso. Nós vamos ter o seminário e vocês vão expor lá. Aliás, já estava programado – já saiu com isso programado – mas não era para expor trabalhos, mas para fazer tipo uma feirinha: estão em dúvida? Como é que está o seu projeto pedagógico? Está faltando o quê? Essa data agora não vai ser para isso, vai ser para expor trabalho. Então eles vão expor seus trabalhos todos. Dia 28 é em São Mateus, que é o norte lá do estado; região de quilombos, oitenta por cento de negros no município. Dia 4 em outro município nosso: Colatina; dia 11 é em Vitória porque eu peguei na Assembléia Legislativa dois auditórios, porque esses seminários pegam vários municípios e no dia 18 a gente fechou em Itapemirim, quando vai ter um grande programa para crianças e nós vamos fazer um seminário. Aí eles vão expor no dia 18, mas esse seminário é no dia 17. Eu boleei para ele vários mini-cursos. Vamos fazer sete em Cachoeira

de Itapemirim, então eu já pego gente da rede. Tem um pessoal até que está aí. Cida e tal. Eu estou levando porque eles querem Literatura Infantil porque ela é especialista nisso. Então ... aí a gente vai fazer esse formato no nosso [inaudível/Cenenai] entre 2007 e 2010. Aí já colocamos isso para fazer todo ano [de modo que] a gente bote quatrocentos professores. Por quê isso? Para gente poder capacitar porque senão com essas obras públicas aí nós vamos deixar passar essa lei, passar o prazo e não acontecer nada. Tem que ser iniciativa nossa, do movimento. Por isso que eu digo, o Movimento Negro, muitas vezes, está fazendo coisas que o estado devia de fazer. O pessoal têm que entender que se a gente não fizer não vai sair. Acabamos, não é?

V.A. – Eu acho que ... o Senhor tem mais alguma coisa?

L.O. – Se vocês quiserem mais coisas podem perguntar porque, às vezes, a gente falando assim ... se quiser alguma coisa mais por dentro, eu estou pronto a responder, mas a gente mesmo é ... eu estou colocando essas ações aí agora e é muito bom, não é? Essa questão do curso à distância, que eu falei. Nossa meta seria a gente conseguir um apoio para atingir o que o MEC está fazendo [inaudível] que é fazer também porque nós temos o *site* e a gente quer jogar nele o curso para pegar muito mais professores, mas não tivemos apoio porque o MEC preferiu, não sei ... o pessoal no seminário disse até que eles copiaram a gente. Eles fizeram o curso à distância deles com a UnB, porque eles estão fazendo. Eles pretendiam atingir cinquenta, mas atingiram vinte e cinco mil. Como eu falei para ela [pelo contexto “ela” é a Eliane Cavalleiro]: “poxa, talvez se tivesse feito junto com o Movimento Negro nos estados poderia chegar à cinquenta, mas não! Pegaram e fizeram com a prefeitura, que é o canal também de fazer, mas o governo também deveria estar junto. Mas não fizeram, não procuraram as entidades negras nos estados. Isso aí também ia fortalecer a entidade negra. Gente, essa é uma forma de fortalecer. Você pedir: “ó! Gostaria que eles participassem também!” Uma entidade igual a nossa, outras, enfim ... Influi um pouco, aumentaria um pouco mais [o número de] inscrição. Então?

V.A. – Acho que está ótimo.

L.O. – Está bom, não é?

V.A. – Está. Muito bom, muito obrigada!

L.O. – Acho que esses dois projetos assim fecham bem o que nós temos de ação, tem isso ... as outras coisas acho que têm pequenos detalhes às vezes não é? Tudo aqui é posição que eu defendo, que eu acho que o Movimento deve caminhar. Coloquei o que nós fazemos, dificuldade eu não vou nem colocar não. Não preciso colocar aqui porque o pessoal pode pensar que está às mil maravilhas.

A.P. – Não! Você já colocou algumas. [Risos]

L.O. – Eu coloquei algumas? Funciona lá em casa [risos]. Já tem uns anos que funciona lá em casa se bem que agora eu fiz um espaço grande que é aonde a gente se reúne. Comprei cadeiras para caramba, a salinha um quartinho miudinho que tem dois computadores, [inaudível]. Então, agora para reunir tem o espaço, espaço grande e tal. Essa reunião mesmo sobre a questão das cotas [na Ufes] foi lá mesmo na nossa sede do Cecun porque no processo lá de cotas, apesar da nossa entidade ter sido a pioneira no estado, aí vários grupos tomaram à frente: lá de dentro da Ufes, partidários, vários grupos, daí esqueceram da gente, jogaram a gente para escanteio. Nós que protocolamos tudo! É uma coisa grave dentro do movimento isso. Isolaram a gente, aí quando a coisa pegou porque não está tendo cotas – e o nosso pessoal também dentro dessas coisas. [Como para legitimar a discussão] tem que ser conhecido historicamente, eles estão vindo o que é o certo, não é? Se eles não perdessem o respeito ao trabalho, ao que é uma cultura de trabalho ... isso é muito importante. Deve ter um negócio de um atropelo aí por questão de vaidade ou questão partidária mesmo de controlar, rolou muito lá isso: “vai sair! Nós que temos que pegar essa bandeira!” Eu gostei também: ferro! Foi ótimo para a gente do Cecun. Para nós foi ótimo, porrada. Não é bem assim não. Aí você vai colocando: “ó minha gente, olha as questões históricas ...” Aí vem esses discursos: “o Cecun tem ...” Domingo, nessa reunião mesmo lá em casa, não falou: “ah! Eu vi [os processos protocolados pelo Cecun]. Ah, isso aí ele tinha visto desde à primeira vez em que ele foi lá: “ah! Eu vi uns processos, o primeiro processo é do Cecun!” Ele já sabia disso! [riso] À primeira vez que ele foi lá, ele tinha visto. O Santini mesmo que é o pró-reitor falou: “ó! Aqui têm processo do Cecun, isso, isso ... O cara estava domingo em uma reunião lá em casa e diz: “é, eu vi!” Fazendo média! [Riso]

[FINAL DO DEPOIMENTO]

Anexos:

De: Luiz Carlos Oliveira Carlos Oliveira [mailto:luiscoliva@gmail.com]
Enviada em: quinta-feira, 20 de setembro de 2007 16:28
Para: Verena Alberti
Assunto: Correção

Lorena,

Recebi correspondência, enviada por você e Amilcar. Fiquei muitíssimo feliz, primeiro por ser incluído na obra literária, que vocês praticamente concluíram, e se encontra em fase de edição. Também por receber o material para análise.

Gostaria de saber se ainda posso acertar alguma coisa na minha entrevista, ou seja, explicar melhor.

Axé

Anexo, relatório de uma caravana a Brasília.

Luiz Carlos Oliveira

[RELATÓRIO DA CARAVANA DA VITÓRIA](#)

Nos dias 05, 06, 07 e 08 de agosto de 2007, uma caravana do movimento negro do Estado do Espírito Santo seguiu de Vitória até a capital federal, para reivindicar implementações de políticas afirmativas para promoção ao povo negro, a denominada Caravana da Vitória.

Partindo de Vitória às 14h do dia 05 e chegando em Brasília no dia 06 em Brasília, 40 (quarenta) militantes, representando áreas: jovens; sindical; partidária; mulheres; quilombolas; indígenas; entidades negras e demais segmentos do movimento negro aferiram as audiências previamente solicitadas às autoridades, Ministérios da Educação e da Justiça, como também, os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado, por representantes do movimento negro do Estado.

Devido algumas dificuldades, a pauta do movimento ficou assim organizada:

dia 06 – A Reunião na Secretaria Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) com o Mattvs Chagas – Secretário Adjunto da Ministra Matilde Ribeiro, não foi possível ser feita na sede do Ministério devido um alarme de bomba no prédio. A mesma foi articulada pela coordenação da caravana lá no MEC, uma vez que o assunto era o mesmo, sendo aceita pelo representante da SEPPIR, para realização no prédio do MEC, onde às 16 horas finalmente houve a reunião com o Sr. Martvs Chagas e o Dr. André Lázaro – Secretário Geral da Secretaria de Educação Continuada de Alfabetização e Diversidade- MEC e a sua assessora.

Audiência com o MEC e SEPPIR:

- a audiência aconteceu no auditório anexo do MEC, sendo aberta com as colocações de representantes do movimento negro, quando foram apresentadas as seguintes reivindicações, a respeito da adoção de Cotas na Ufes/ES:

- 1- adoção de cotas na UFES com recorte racial no vestibular de 2008, contendo 50% de vagas para alunos/as oriundos de escolas públicas. Nesses 50% reserva de 26% para negros/as e 24% para alunos de escolas públicas.

- 2- 10 anos de experiências com avaliações periódicas.

3- verba para bolsas de estudos garantindo a permanências dos/as beneficiários por cotas.

Por parte do governo ouve a exposição do representante da SEPPIR, dando um breve relato, sobre como esta funcionando essa questão em nível de Brasil se colocou a disposição para vir ao Estado do Espírito Santo, para reunir com o movimento negro e fazer a interlocução com a UFES. Em seguida, o Secretário Geral da Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade _ (SECAD), Drº André Lázaro pedindo que todos ficassem a vontade para falar e logo depois disse que teríamos que traçar estratégias para forçar a adoção de Cotas na UFES. A palavra foi passada a assessora do MEC, que deu um quadro das verbas e destinações dos recursos do programa Reúne, para garantir a inclusão e promover a diversidade nas universidades brasileiras, mas que não compete ao MEC fazer ingerência, porque as universidades têm autonomia. O mesmo se dispôs, a enviar documentos de alguns resultados de adoções de cotas, bem sucedidos nas universidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Brasília entre outras.

No dia 07 de agosto, pela manhã, a delegação visitou a Fundação Cultural Palmares (FCP) e recebeu várias publicações de artigos, livros, almanaques e outras publicações pertinentes ao povo negro. Às 16 horas, a delegação seguiu para uma audiência improvisada, com o Presidente da Frente de Parlamentares Para Promoção da Igualdade Racial, que por falta de comunicação entre o gabinete da Deputada Iriny Lopes e do Senador Casagrande, com a coordenação da caravana.

[Audiência com o Deputado Carlos Santana](#)

O gabinete do Deputado Carlos Santana (PT-RJ) recebeu bem a comissão, lembrando da infância no Estado e sua projeção política no Rio de Janeiro, que já entrou no quinto mandato de deputado federal.

Quanto à bandeira de cotas nas universidades, ele não descartou apoio, porém foi bem explicito, "difícilmente será colocado e aprovado o projeto de Lei 3.627 de 2004, sem há vontade política do Presidente LULA", que tem maioria da Câmara dos Deputados. Colocou ainda que o Presidente da Câmara, Arlindo Chinnaglia, talvez não tenha interesse neste assunto.

O Deputado Carlos Santana se colocou a disposição na Câmara e nível nacional, explanando que coordena a nível nacional, a luta pela votação do Estatuto da Igualdade Racial e as cotas encontram-se explicita no estatuto, mas que cada Estado pode defender aquela bandeira que melhor lhe convier. O deputado fez um breve relato de como esta funcionando as negociações com relação às Cotas se colocando, a disposição para intervir juntamente com a Frente Parlamentar nas decisões, se comprometendo ainda junto a Frente colocar em votação a Lei de Cotas.

Na oportunidade pediu para que o Movimento Negro do ES fique alerta, pois poderá ser chamado para estar na plenária se manifestando na ocasião da votação. Ficou de falar com o Líder do Governo (PTB) para marcar audiência sobre Cotas.

Informou que acontecerá no fim do mês, o Congresso Nacional do (PT), onde está em pauta as bandeiras a seguir e pediu apoio do movimento negro do Estado do Espírito Santo.

- o ESTATUTO IGUALDADE RACIAL - PROJETOS DE COTAS;
- o DEMARCAÇÕES E TITULAÇÕES DAS TERRAS QUILOMBOLAS;
- o RECUPERAÇÕES DOS DIREITOS DE JOÃO CÂNDIDO;
- o DIA 20 DE NOVEMBRO (ZUMBI) – FERIADO NACIONAL;
- o ERRADICAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO.

Registramos ainda nossa visita ao gabinete do Presidente da Câmara, Arlindo Chinaglia, mas fomos informados que a audiência com a delegação do ES estava marcada para as 09 horas da manhã e que o deputado tinha viajado às 15 horas para São Paulo, mas que podíamos marcar ou data.

Por fim encerradas as audiências e reuniões marcadas a delegação visitou o senado.

BALANCETE DA VIAGEM

Receita

- Coletivo Ant-racismo	R\$ 990,00
- Capitão Nailson	R\$ 100,00
- SINTEC	R\$ 250,00
- Deputado Paulo Foletto	R\$ 20,00
- Vereador Roberto Carlos	R\$ 50,00
- Credito depositado C/CECUN	R\$ 100,00
- Sindiúpes	R\$ 500,00
-CECUN	R\$1.000,00
- Andrelino	R\$ 17,00
- SEMCID	R\$ 7.000,00
Total	R\$ 10.027,00

Despesas

- Aluguel ônibus	R\$ 7.000,00
- Hospedagem	R\$ 1.160,00
- Alimentação	R\$ 1.867,00
Total	R\$ 10.027,00

Em Tempo – A delegação chegou em Vitória dia 08 de agosto à noite, e surpreendentemente no dia 09, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE da UFES, em reunião pouca divulgada em seus departamentos discutiu e votou o projeto de cotas, tendo como resultado, o já esperado pelo movimento negro organizado do Estado. Sem recorte racial. Constatando que a excelência universitária da UFES é racista, reacionária e retrógrada.

Racista – Porque a elite intelectual brasileira se coloca de frente para a Europa e Estados Unidos e de costas para a África. Assim sendo, não enxergam nenhum valor na contribuição africana e do povo negro brasileiro.

Reacionária – Porque esses mesmos membros do CEPE foram aqueles, que o movimento negro rechaçou, a proposta por eles apresentada na penúltima votação do projeto de cotas. Portanto veio o castigo, como acontecia no período escravocrata.

Retrógrada – Porque a excelência universitária da UFES deixa a desejar, uma vez que boa parte das universidades brasileiras adotou cotas para negros/as. Dando uma demonstração de desconhecimento histórico, sociológico e econômico, uma vez que o MEC oferece verbas para as universidades que promoverem inclusão e diversidade.

CONCLUSÃO : apesar de algumas dificuldades, estruturais e financeiras, o saldo dessa caravana foi positivo, uma vez que alguns dos objetivos foram alcançados, entre esses, mostrar que o Movimento Negro do Espírito Santo não está de braços cruzados e nem puxado pelo beijo. O movimento, mesmo com as adversidades acumuladas historicamente, vem dia-a-dia traçando seu destino e construindo seu projeto político, para um Brasil efetivamente democrático. É bem verdade, que o MN está muito longe ainda de conquistar sua autonomia financeira e política causando com isto, muitos desgastes e divisões políticas, sem contar a carência de quadros qualificados. Quanto a decisão do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão -CEPE-UFES, em não incluir recorte racial, para o VestUFES 2008, o movimento negro não deve se considerar derrotado, uma vez que garantiu-se 40% de vagas para estudantes de escolas públicas, como ficou aprovado. Nossa luta agora é pelo recorte racial nos 40%. Vamos em Frente, que atrás vem gente!

Contribuíram na elaboração deste relatório, Ester Mattos, Eduardo, Jose Carlos Amaral e Luiz Carlos Oliveira.

Vitória, 31 de agosto de 2007.